

Campus

Jornal-laboratório do
Departamento de Comunicação da UnB

Nº 84
De 14 a 21 de novembro de 1985

LUIZ QUEIROZ

VIOLÊNCIA NA UnB

Os assaltados e as estupradas da UnB ainda estão esperando que a violência no campus acabe. Mais guardas? Mais ônibus? Mais iluminação?

O assunto está na Página 4



Um depósito de gente doente e abandonada.

Assim é o Asilo São Vicente de Paula em Luziânia, Estado de Goiás. Lá, falta tudo: alimentação, tratamento médico, limpeza e alojamentos dignos. A promiscuidade, a sujeira, o horror e a desesperança são os ingredientes do dia-a-dia. É um verdadeiro inferno plantado a 56 quilômetros de Brasília e sustentado pelo descaso das autoridades. Nas páginas 5, 6, 7 e 8.

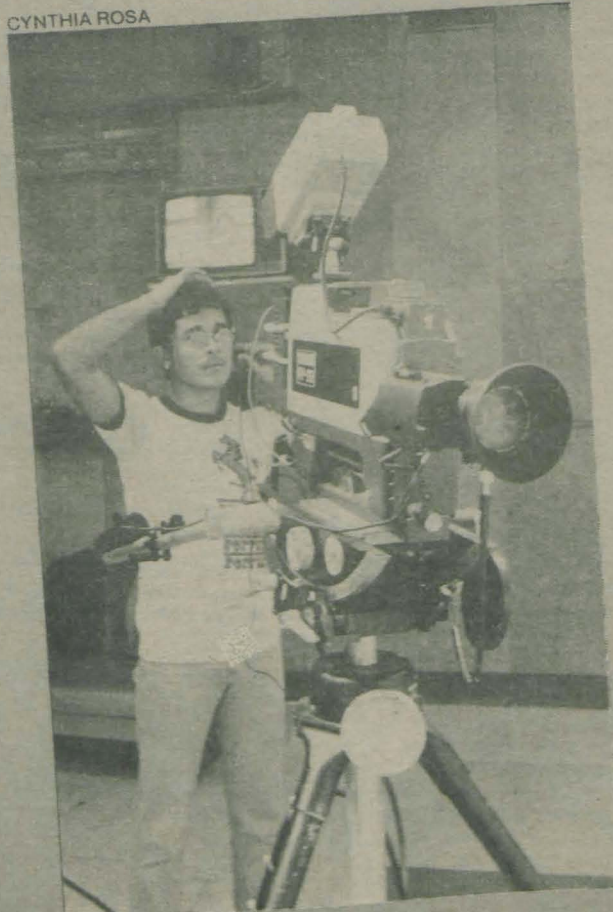
O inferno em Luziânia

A TV EM BRASÍLIA

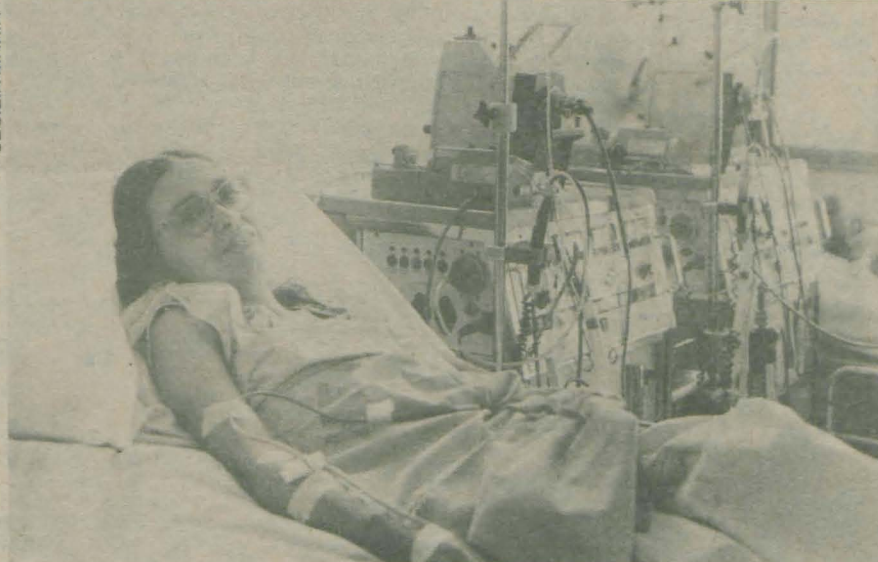
No vídeo,
uma cidade
sem rosto

Apesar das honrosas exceções, as televisões de Brasília não espelham a realidade do local onde estão instaladas. Na página 12.

CYNTHIA ROSA



CECILIA MARIA



Na hemodiálise, a
vida está por um fio

Faltam rins para os que precisam de transplante. Até lá, a hemodiálise serve de paliativo. Página 11.



Tarde de autógrafos

A partir do próximo dia 19, a comunidade de Brasília poderá se conhecer melhor. Nesta data será lançado em tarde de autógrafos, o livro "Brasília, Ideologia e realidade. Espaço urbano em questão". A obra é um trabalho conjunto de professores da UnB, cujo tema central é a cidade de Brasília, seus antecedentes históricos, sua construção e evolução, organização urbana, seus conflitos e uma tentativa de penetrar em seu futuro. A tarde de autógrafos, que se realizará no auditório Dois Candangos, às 18 horas, contará com a presença dos colaboradores da obra Aldo Paviani (organizador), Benício Schmidt, Frederico de Holanda, Gunter Kohlsdorf, Ignez Barbosa Ferreira, Lia Machado, Luiz Alberto Cordeiro, Maria Elaine Kohlsdorf, Paulo Bicca, Ricardo Farret, Suely Gonzales e Themis Q. Magalhães. Bom, e para quem reclama do vazio cultural da UnB e da cidade, está aí uma ótima oportunidade para conferir e talvez mudar de idéia. (Helolisa Helena)

Jornais páram, patrões choram

Na última sexta-feira, o brasileiro acordou sem o seu jornal. Os trabalhadores dos três jornais locais fizeram uma greve de vinte e quatro horas, para mostrar aos patrões o seu poder de barganha. Segundo o jornalista Hélio Doyle, presidente do Sindicato, a greve mostrou a eles mesmos a sua força, como uma preparação para uma greve maior. Agora, os jornais e seus empregados estão em negociações, e uma assembleia geral deve decidir o destino do movimento. Dependendo dos resultados, uma greve geral pode pintar por aí. Os jornais, que devem ter tido um prejuízo danado, não podem dar ao luxo de parar por mais tempo. Então, a hora é de negociar. (Cláudio Ferreira)

No Congresso, a TV QnãoCV

O Congresso Nacional vai ganhar uma estação de TV, e deve começar a transmitir seu sinal em meados do próximo ano. Serão interessantes os programas transmitidos por esta televisão. Vamos ter todo tipo de programação. Humorístico deverá ser o forte, é claro. Mas teremos também shows, encenações, teatro, brigas e talvez até um pouco de política. Evidentemente não haverá transmissões ao vivo, pois faltará claque para sustentar os programas, e programa de auditório sem público não tem muita audiência. Resta saber se os jets serão pagos àqueles que assistirem aos programas ao vivo, ou para quem assistir em casa pelo menos. (Reinaldo Freitas)

Freire gera polêmica

A vinda de Paulo Freire, no último dia 8, provocou protestos por parte dos alunos de graduação da Faculdade de Educação da UnB, que não foram informados sobre o fato. Um cartaz, assinado por José Augusto de Carvalho, resumiu bem o clima: "Paulo Freire e a Socialização do Saber — Independente de quaisquer circunstâncias, o que choca é a mesquinha, o segredo, a informação dada ao pé do ouvido. Esse espírito, aliás aparece em todos momentos, em todas relações (ranço egoísta, típico aliás do espírito acadêmico) pelo primitivismo das posturas mede-se a capacidade de criação e inovação. Regalem-se meninos e meninas, continuem a esconder o doce". Segundo o professor Venício, Paulo Freire veio trocar idéias com pós-graduandos e Câmara de Graduação. (Sandra Sato e Margareth Marmori).

ESPAÇO

Autonomia e ocupação do nosso espaço

CID QUEIROZ

A Universidade está ocupada não por uma coletividade em torno de uma proposta (interesse e compromisso), mas por um agrupado de ilhas dispersas e impenetráveis. Cada indivíduo ou grupo se fecha numa fronteira rígida, criada para defender suas verdades internas (identidades) das verdades alienígenas, como que para cristalizá-la, repeti-la. Então, quando no objetivo de realizar a universidade estão implícitos os conceitos de **universidade e unidade**, nossa relação aqui dentro é altamente **desconflada, castrotrativa e desagregadora**.

Por que nos fechamos em fronteiras absolutas? Nos fechamos

porque somos muito inseguros, estabelecemos regras de comportamento, criamos uma personagem, uma identidade que distinga uma posição entre nós e os outros (nossas verdades e a dos outros: sério, odara, homem, mulher, bicha, maconheiro, careta, liberado etc), de maneira a estabelecer o limite do confiável. Acontece que não é natural considerarmos uma identidade absoluta, nem do sujeito em relação a um grupo, nem do sujeito com sua personalidade circunstancial (espacial e temporal). Precisamos afrouxar nossas resistências ao novo/diferente, acabar com o grave preconceito que existe em nossas atitudes. Devemos agir com mais autonomia.

Agir com autonomia é emprestar um compromisso, dentro dos limites do próprio interesse, em torno de um projeto e estar livre para tentar gozar experiências em outros meios. A universidade tem que ser uma reunião de compromissos diversos em torno de um interesse comum. Nosso interesse comum não pode ser um diploma, um sistema de créditos, notas. É necessário abortar esta função da universidade de treinar e avaliar profissionais; definitivamente sem competência para tal. A universidade existe para ser espaço de acesso informação, formação e especialização, respeitando a autonomia de critérios do indivíduo quanto ao seu conteúdo curricular. (Cid Queiroz)

Aluno pesquisa hábito de ler

Os alunos do Laboratório de Relações Públicas 1, do Departamento de Comunicação da UnB, farão, a partir da segunda quinzena do mês de novembro, uma pesquisa em todo o Distrito Federal para conhecer o hábito de leitura de jornais dos brasilienses.

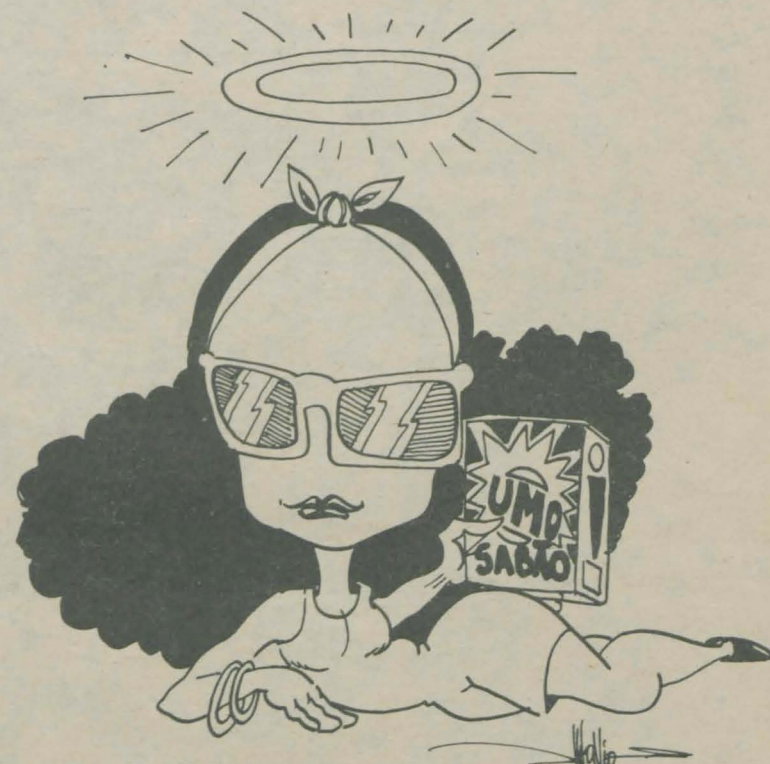
A idéia partiu do Professor de Relações Públicas, João B. Serra, e foi prontamente aceita pelos alunos. A pesquisa abrangerá cerca de 400 pessoas, de todos os níveis sociais, culturais etc e, além do Plano Piloto, também o público das Cidades-Satélites.

A pesquisa será aplicada por 10 alunos da disciplina. Os dados serão computados pelo CPD da UnB e serão divulgados através dos jornais locais. O questionário foi elaborado pelos alunos, sob a orientação do Professor Serra. São 20 questões que possibilitarão uma visão clara e ampla do que os brasilienses lêem e o que gostariam de mudar nos jornais. (Rosani Aparecida Frutuoso)

Democracia nas escolas: será?

As eleições para Diretores de escolas e complexos da Fundação Educacional do DF só foram possíveis graças a um Acordo Coletivo de Trabalho firmado com o Sindicato de Professores. Tudo muito democrático, não parece? Acontece que há uma cláusula no acordo que diz o seguinte: se o Diretor eleito deixar de contar com a "confiança" do Diretor da Fundação, será substituído por outro, a ser também eleito. Bacaninha, não acham? O "Seu" Fábio Bruno, esta democracia na Fundação é prá valer mesmo ou é mais uma conversa fiada da Nova República? (A Redação)

MEIO



Roque Santeiro: o paraíso do merchandising

REGINA CELLI

Nem só de milagre vive Roque Santeiro.

Esta trama criada por Dias Gomes, que ultimamente vem alcançando um dos maiores índices de audiência já vistos na televisão brasileira, fatura alto nos meios publicitários. E o **merchandising** sai na frente. É a chamada propaganda subliminar, aquela que o telespectador consome sem ser avisado.

Para isso, a Globo criou uma firma, a Apolo de Comunicação Ltda, que trabalha exclusivamente com **merchandising** dentro da própria rede. E nessa firma que se processam os entendimentos entre o diretor da empresa, Jorge Adib, e os fabricantes.

Seja através de **outdoors**, ou pelos próprios artistas, a cidade de Asa Branca vende de tudo por meio da propaganda subliminar: carros, trator, bicicletas, calcinhas, adoçantes, cerveja, cachaca, serviços de banco e até distribuidor de combustíveis. Tudo isso tem influência no consumidor e acontece no meio da ação. Os resultados aparecem quando o te-

lespectador "passivo" se projeta no personagem, e consome o produto que este, de uma forma subliminar, anuncia.

Para a Rede Globo, um bom negócio e os cofres cheios. Para os anunciantes, um retorno a longo prazo. Uma única aparição de um produto numa cena de Roque Santeiro custa Cr\$ 230.000 milhões (em relação ao preço médio oficial, o dobro de um anúncio de 30 segundos no horário da novela).

Existem dois tipos de **merchandising**: as "ações de estímulo visual" (mera presença dos produtos em cena, mais barato), e as "ações especiais" (inseridas na história da novela, e de custo mais alto para o anunciante). Não é à-toa que a atriz Patricia Pillar (na novela como Linda Bastos), só adoça os seus sucos com Dietil, e que o personagem Jiló (João Carlos Barroso) fora sorteado com uma bicicleta da marca Monark.

Resta saber, no entanto, se os 70 milhões de telespectadores de Roque Santeiro, sem tempo para mudar o canal, ou desligar a televisão, concordam em serem obrigados a engolir durante a novela este desfile de **merchandising**.

Campus

Jornal Laboratório do Departamento de Comunicação da UnB

Editor Geral: Carlos Augusto Setti
Secretário de Redação: Hélio Doyle
Editoria de Arte: Maria Rita Leal e Chico Amaral

Editores: Flávio Silveira, Marina Godoi, Milton Cintra, Otávio Veríssimo (UnB); Ana Teresa Vieira, Nicolau El-Moor, Maria de Lourdes Tavares (Comunidade); Ana Paula Araripe, Luis Carlos Queiroz (Especial); Catarina Guerra, Cláudio Brandt, Glória Carvalho (Nacional); Cláudio Ferreira, Cynthia Rosa, Idhelene Macedo, Suzane Sobral (Cultura); Carlos Andre, Joyce Russi, Rosani Aparecida, Zelia de Freitas (Ciência); Cláudio Ferreira e Idhelene Macedo (Opinião).
Repórteres: Marcelo Feijó, Margarete Vitória, Margarete Marmori.

Perla Alves, Regina Cely, Sandra Sato (UnB); Denise Sá, Fábio Guimarães, Maria Cacilda Benevides (Comunidade); Sandra Machado (Especial); Adélia Fernandes, João Paganini, Júlia Cláudia, Mariuce Paulista, Reinaldo Freitas (Nacional); Francisco Henrique, Hélio Franco, Helolisa Helena (Cultura); Cautenis Lemos, Martha Faria, Shirlene Costa (Ciência).
Fotógrafos: Ana Paula Padrão, Cecilia, Maria, Cláudio Reiw, Cynthia Rosa, Luis Carlos Queiroz, Marcelo Feijó, Nicolau El-Moor, Rubens Rebouças, Reinaldo Freitas, Suzana Dobal.
Laboratorista: Jeová Xangô.
Ilustrações: Adriano Vale, Flávio Silveira, Francisco Henrique, Humberto Junqueira, Pedro Henrique.
Composição, Impressão e Revisão: Correio Braziliense

“ Não tem mais sentido numa proposta de redemocratização do País, numa proposta de redemocratização da Universidade, ficar com uma disciplina que representa um entulho.

(Professora Adalgisa Maria Vieira do Rosário)

”

X

“ Talvez nas sugestões dos que propõem a eliminação de EPB se possam perceber, disfarçados, intuítos antinacionais, já que o bem ou o mal não está em EPB, mas sim no ministrar os temas.

(Professor Acrísio Torres Araújo)

”

EPB deve ou não acabar? A polêmica está solta...

PERLA ALVES

No dia 25 de setembro, a professora Adalgisa Maria Vieira do Rosário, do Departamento de Geografia e História, recebeu convite da Coordenadora de Apoio ao Desenvolvimento Educacional do MEC, Cecília Eugênia Rocha Horta, para integrar-se ao Grupo de Consultores que elaboraria um documento para expressar o posicionamento da área em relação a Organização Social e Política do Brasil (OSPB), Educação Moral e Cívica (EMC) e Estudo dos Problemas Brasileiros (EPB). Em reuniões nos dias 8, 9 e 10 de outubro, os Consultores elaboraram um documento encaminhado ao Conselho Federal de Educação, solicitando a revogação imediata dos decretos que criaram as disciplinas e a Comissão Nacional de Moral e Cívismo. Este documento foi publicado no Boletim da UnB nº 11. A professora Adalgisa, porém, foi surpreendida com matéria publicada no Boletim da Reitoria nº 12, dizendo que EPB não será eliminada como disciplina da UnB. Segundo a professora, as disciplinas OSPB, EMC e EPB deveriam ser substituídas por Filosofia e Sociologia, como era antes. “Não tem mais sentido numa proposta de redemocratização do País, numa proposta de redemocratização da Universidade, ficar com uma disciplina que representa um entulho. Não é que eu seja contra a eliminação ou não de EPB, mas você pode discutir a problemática brasileira sem a necessidade de criar um curso só para isso. Você debate isso, em sala de aula, em qualquer disciplina, sem onerar os cofres da Universidade”.

VISÃO PANORÂMICA

Por outro lado, os professores da disciplina Francisco Pinto Cabral, em carta enviada ao editor do Boletim da UnB diz o seguinte: “É possível que ao tempo de sua criação a disciplina fosse ministrada por alguns professores como propaganda do regime vigente. Porém, há muitos anos, é da

C

O decreto que alienou a nossa História

riada em 69 pelo Decreto-Lei nº 869, a disciplina Estudo dos Problemas Brasileiros desde a sua introdução vem provocando polêmica entre professores e alu-

nos.

Uma das críticas mais acirradas é que nos anos da ditadura a disciplina nasceu da censura política e ideológica que favorecia somente a propagação das idéias do regime de exceção.

Além de EPB, foram introduzidos no ensino de 2º grau as disciplinas Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil, o que representou a fragmentação das áreas de conhecimento em História e Geografia e eliminou as disciplinas de Sociologia e Filosofia, gerando, no início, a formação distorcida de profissionais habilitados em licenciaturas espúrias de Estudos Sociais.

E tudo isso se fez em nome da “doutrina de segurança nacional”, que demitiu, perseguiu e calou os melhores representantes do ensino de História, tais como Eulália Lobo e Florestan Fernandes, dois exemplos entre tantos outros.

da de maneira absolutamente didática, procurando dar aos jovens uma visão panorâmica da realidade brasileira. Esta visão é necessária à formação de gerações que se preparam para dirigir os destinos deste País, dentro de alguns anos. A disciplina não tem qualquer conotação político-partidária”. Já o professor Acrísio Torres Araújo do Departamento de Geografia e História, explica que há um lastimável engano do grupo de consultores de história e geografia do MEC, transcrito no Boletim da UnB nº 11. Eles sugerem a extinção de EPB nas universidades, por significar aceitar o entulho autoritário no domínio da educação. Segundo Acrísio, o erro não foi a criação de EPB, mas a eliminação de filosofia do currículo do 2º grau. E pergunta: “Eliminada por ignorância? Por desamor à sabedoria? Por concessão aos vestibulares? Por temer-se o perigo das ideologias?” Ele mesmo

responde: “Num país de jovens, essa eliminação contribuiu para que estes raciocinassem com maior dificuldade. Percebe-se na UnB um medo do esforço intelectual. Talvez nas sugestões dos que propõem a eliminação de EPB se possam perceber, disfarçados, intuítos antinacionais, já que o bem ou o mal não está em EPB, mas sim no ministrar os temas”. O professor Acrísio continua: “No Boletim da UnB nº 12, sob o título **Novo Enfoque em EPB**, foram feitas de propósito, ou por ignorância, afirmações injustas, infundadas. Pressupondo que os que lecionam EPB não tem consciência de que a filosofia educacional deve ser adequada ao processo de desenvolvimento. E que pelo fato de originar-se do ainda pior curso de Moral e Cívica não quer dizer que não seja compatível com um ensino sério e crítico”. Para Acrísio o autor torna-se rude, agressivo pois “isto não quer dizer, porém, que o

estudo dos problemas do País não seja um dos temas relevantes a serem estudados”. Conforme o professor Acrísio, o autor do artigo prejudica os atuais professores de EPB e isso é o pior dos autoritarismos. Para finalizar, diz que o autor do “Novo enfoque em EPB”, parece não compreender que em educação importa é mudar a mentalidade. “Parece não compreender que o essencial não é despejar quantidade de informações nos alunos, mas ajudá-los a encontrar uma ordem, um significado nos temas estudados”. Concluindo, diz que isso requer um sério esforço filosófico e a valorização dos alunos senão a educação continuará a influir bem pouco nos destinos do País.

EPB E A CONSTITUINTE

Diante do impasse criada pela carta enviada ao CFE pelo grupo de consultores de História e Geografia, a Decano de Graduação, professora Paulina Targino, diz que o problema de EPB deverá ser resolvido e para isso o Decanato de Extensão tem trabalhado numa proposta de reestruturação da disciplina. Explica que não basta ter bons programas da disciplina, mas o que vai influir é o número de professores. Atualmente a UnB tem somente três professores para EPB, com um número de aproximadamente 600 alunos para cada professor. Isto é um fator básico para que o curso não funcione. Diminuir os alunos por turma seria uma maneira de solucionar, mas teríamos que aumentar o número de professores. A outra maneira encontrada é a de passar a coordenação da disciplina para o Decanato de Extensão. O professor Volnei Garrafa, decano de Extensão, enviará ao reitor Cristóvam Buarque alterações em EPB que dizem respeito ao conteúdo programático e à própria filosofia do ensino de EPB na Universidade de Brasília. A atualização dos temas é fundamental. No próximo ano a idéia é ligar o tema **Constituinte** às várias áreas de EPB.

A comunidade questiona aulas à noite

(SANDRA SATO)

“Estou curioso para saber quantas disciplinas serão oferecidas”, afirmou o Reitor Cristóvam. E que a partir do próximo semestre a Universidade funcionará, também, no período noturno, com aulas de disciplinas que possuam mais de uma turma. Isto não implicará em aumento do número de créditos previstos para o semestre porque, segundo o Reitor, já é possível se formar em três anos e meio, e menos que isto é transformar a UnB num “motel universitário” (alta rotatividade).

A existência ou não deste horário dependerá da decisão de alunos e professores da cada Departamento, conforme ficou definido na reunião do dia 23 de outubro entre o Reitor, a Decana de Graduação, os Diretores de Institutos e os chefes de Departamentos.

De acordo com Cristóvam, “a implantação do horário noturno vem atender a uma antiga reivindicação não só da comunidade universitária, sobretudo dos alunos, mas também da comunidade brasiliense. Irá liberar espaços durante a manhã, poderá atrair professores de Tempo Parcial que não podem lecionar durante o dia e facilitar a vida dos alunos”. Entusiasmado, disse que isto começará a encher o campus à noite, colocar vida na UnB realizando, também, conferências, encontros e uma boa programação de cinema (a funcionar depois de março no Dois Candangos, utilizando sistema do tipo da Cultura Inglesa). “Tudo depende dos alunos”. Mas a comunidade universitária não parece estar muito convencida.

PRÓS E CONTRAS

Rócia Silva Oliveira, integrante do CA da Agronomia, diz não ser contra nem a favor e indaga o que vai significar aulas à noite. Na sua opinião, vai resolver problemas pessoais, corrigir uma distorção da UnB, ou seja, permitir aqueles que trabalham podem estudar, mas cria outra distorção por não deselitizar a Universidade. Rócia acha que aulas à noite não resolvem o problema do espaço ocioso. Resolveria se promovessem o teatro, a dança, a música, a ginástica e cursos de extensão, inclusive para a comunidade extra-universitária.

Para o professor Munhoz Koshah, do Departamento de Urbanismo, nesta proposta não há preocupação didático-pedagógica, mas meramente quantitativa por prejudicar o intercâmbio de aprendizado, ao dispersar os alunos. O professor acredita que deveria ser implantado o curso noturno ou reformular o programa de cursos de extensão à distância ao invés de simples aulas à noite.

Guilherme França, membro do Centro Acadêmico de Economia, pensa que esta idéia dependerá da demanda e exigirá infraestrutura para ser viabilizada. Fernando Campos, estudante de Sociologia, questiona como serão os cursos à noite, se durante o dia já estão desestruturalizados. Já os alunos Carlos Eduardo M. S. Campos, da Agronomia, e German Brecene, do Processamento de Dados, acham a idéia ótima porque irá beneficiar muita gente, principalmente os que trabalham.

VIOLÊNCIA NA UnB

Alunas, maiores vítimas

REGINA CELLI

No último mês, alguns fatos relacionados à segurança da comunidade universitária, começaram a preocupar vários estudantes, principalmente aqueles que circulam durante a noite pelas áreas da UnB — seja na L2 Norte, do Bandeirão ou da Biblioteca, fazendo o trajeto a pé, e acabando por se expor a muitos riscos.

Foi caminhando da L2 Norte para o Alojamento Estudantil, por volta das 11 horas, da noite, que uma estudante de Enfermagem (que preferiu não se identificar), 19 anos, distraída, sofreu um ataque nas imediações do CO, de dois rapazes, bem vestidos, sendo levada logo em seguida para um terreno baldio perto do Centro de Treinamento da Telebrás, e sob ameaça de morte foi estuprada por um deles.

Alguns dias mais tarde, a estudante Cleofas Minari Righeh, de Educação Artística, em frente ao Bandeirão, às 7:00 horas da noite, viu-se cara a cara com dois assaltantes. Um deles estava armado.

“Nós sabemos que a solução não está em aumentar o número de vigilantes, ou mesmo em melhorar a iluminação do Campus. Estas medidas poderiam nos dar mais segurança. Na verdade, acho que os estudantes deveriam ser mais prudentes quanto ao perigo que correm. Aconselho os alunos a circularem pelo campus à noite sempre acompanhados. Nunca sósinhos”. Esta foi a opinião da estudante Cleofas, quando indagada a respeito de soluções possíveis. Respondendo à mesma pergunta, Carlos Paz, chefe do SPP, disse “ser sabido que na cidade como um todo, o número de casos de assaltos no campus universitário é bastante insignificante, o que não impede que novas providências sejam tomadas em relação à segurança dos estudantes. Inclusive, o risco começa no número deficiente de vigilantes, e também no fato destes não andarem armados”. Carlos Paz disse que a maioria das vítimas destes casos, não relata à SPP o ocorrido. “A denúncia é muito importante, pois a partir do conhecimento dos fatos, poderemos estudar e efetivar nosso

aparato contra estes problemas”.

O estudante Flávio, morador do CO, lembrou que é uma reivindicação antiga dos estudantes à Reitoria a existência de uma linha circular gratuita de ônibus dentro do campus, que funcione de dia e parte da noite. “Esse transporte interno resolveria em grande parte o problema do pessoal que circula à noite pela UnB”. Flávio alertou que “se a administração resolver implantar cursos noturnos, alguma medida terá que ser tomada, pois o problema pode se agravar”.

Num bate-papo com estudantes no CO a respeito do assunto, chegou-se à conclusão de serem as mulheres as maiores vítimas. Durante a conversa, foram relatados fatos interessantes, como o caso de um indivíduo, que anda às escondidas pelo mato, e que persegue, às vezes, com gestos obscenos, as meninas da Educação Física que fazem cross no cerrado. Falou-se também num homem não identificado, do Fiat azul, que fica dando voltas no esta-

cionamento da ala norte, à espera de que alunas lhe peçam carona. E o diz-que-diz não fica só por aí. Há até mesmo um caso recente, no qual as estudantes que vieram a Brasília para o encontro das estudantes de assistência social, alojadas no minhocão, foram atacadas de madrugada por um bando de jovens bêbados, saídos Deus sabe de onde.

O que não se pode sustentar diante de todos estes casos, é o fato da mulher universitária, consciente e disposta a lutar por um espaço onde não haja preconceitos e sim liberdade, possa ainda sustentar o rótulo de melhor vítima, indefesa e depósito ocasional e oportuno de brutalidades.

O certo é que coragem não faltou a Cleofas, que num impulso gritou socorro a mil pulmões, assustando os ladrões. Nenhum vigilante apareceu no momento. E nem à estudante do 2º semestre de Enfermagem, que após muita luta conseguiu escapar das garras dos “boyzinhos”. Hoje esta estudante pretende trancar o semestre e ir para a casa dos pais. Não sabe se volta para a UnB.

Alunos lutam por apoio à pós-graduação

(MARGARETH MARMORI)

Valorização da figura do professor auxiliar, alojamento para estudantes casados e auxílio à elaboração das teses são as principais reivindicações da Associação de Pós-Graduados da UnB. Eleita na assembléia de fundação da APG-UnB, em junho deste ano, a diretoria provisória da Associação prepara-se para as eleições da nova diretoria, marcadas para o dia 18, e elabora um documento a ser entregue ao Reitor.

O aumento de vagas para o cargo de professor auxiliar é uma das questões abordadas no documento. Em toda a Universidade, existem apenas 18 vagas para esse cargo, reservadas estatutariamente a alunos de pós-graduação. Dos 23 cursos de pós-graduação da UnB, somente seis (Engenharia Elétrica, Física, Química, Matemática, Psicologia e Biologia Molecular) oferecem vagas para professor auxiliar, cujo salário é de quatro milhões e trezentos mil cruzeiros.

“A questão é mostrar à Universidade a importância da figura do professor auxiliar, ameaçada pelo novo Plano de Cargos e Salários que prevê sua extinção”, afirma o presidente da APG, Marcos Sulta. Para ele, o aumento de vagas para professores auxiliar representa para os alunos de pós-graduação o desempenho da prática didática, a valorização do currículo, uma fonte suplementar de renda e uma constante integração com a Universidade. Ao mesmo tempo permite o retorno à Universidade do conhecimento adquirido e a inovação e dinamismo no ensino.

A idéia do aumento de vagas para o professor auxiliar conta com o apoio do Reitor Cristovam Buarque, que pretende abrir um quadro de professores auxiliares com recursos da UnB. Segundo Marcos Sulta, o preenchimento dessas vagas deve ser através de concurso público para contratos de um ano, sujeitos a renovação. “O concurso público é importante para que todos tenham as mesmas oportunidades de exercer o cargo sem depender de indicações”.

Atualmente, discute-se na Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação a possibilidade da implantação, em todos os cursos de pós-graduação da UnB, da disciplina obrigatória Estágio em Prática Didática, já existente no Departamento de Psicologia. “A diretoria é contrária a essa proposta pois, nesse estágio o profissional-aluno pode chegar a cumprir o mesmo papel do professor-auxiliar sem, no entanto, ser remunerado pela função”.

O auxílio financeiro às teses é outra exigência da APG. Marcos Sulta acredita ser a tese um trabalho produzido para a Universidade e “por isso entendemos que os departamentos, o Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação e a Reitoria devem contribuir na sua elaboração e confecção”. O custo médio final de uma tese é estimado em quatro milhões de cruzeiros, pagos exclusivamente pelo pós-graduando, que, muitas vezes, recebe uma bolsa de um milhão e quatrocentos mil cruzeiros. Os departamentos em nada contribuem para a elaboração das teses de seus alunos, mesmo recebendo da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) uma verba para esta finalidade. Só a Geologia, a CAPES fornece, anualmente, cerca de 28 milhões de cruzeiros como ajuda aos cursos de pós-graduação.

Apesar das dificuldades, o presidente considera a UnB uma das melhores universidades do País em termos de pesquisa.



MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

Inscrições: 1 de novembro de 85 a 30 de novembro de 85
Local: Departamento de Administração, com a funcionária Penha
Horário: 8h30min às 11h30min e das 14h às 17h30min

DEBATE SOBRE O CENTRO DE VIVÊNCIA DA UnB

Organização do Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Participação do reitor
Período: 12/11/85
Local: Iléal, ao lado do auditório da Música
Horário: 8:00 horas
Aberto a toda Comunidade Universitária

BIOLOGIA

Curso Internacional de Espectroscopia de Fluorescência e de Infravermelho em Proteínas.
Período: 18 a 30 de novembro de 1985

Participação de professores do Chile, Argentina e Brasil.
Curso de Morfologia e Taxonomia de Briófitas da Região Centro-Oeste.

Período: 25 de novembro a 13 de dezembro
Inscrições e mais informações: Departamento de Biologia Celular.

ENGENHARIA

1º Ciclo de Palestras: Tecnologia Apropriada

Período: 11 a 27 de novembro
Local: Auditório do Departamento de Engenharia Civil
Horário: 19 horas
Inscrições: Departamento de Engenharia Civil

Encontro Brasiliense de Direito, Ecologia e Economia para o Desenvolvimento.

Período: 21 a 22 de novembro de 1985
Local: Auditório 2 Candangos
Organização: Sociedade Brasileira de Direito do Meio Ambiente. Sobradima e Universi-

dade de Brasília.
Inscrições: Sociedade Brasileira de Direito do Meio Ambiente. Sobradima, com o professor José Maria Almeida, no IB/UnB

ODONTOLOGIA

1º Simpósio de Prótese da Faculdade de Saúde

Período: 21 a 24 de novembro
Local: Auditório 3 da Faculdade de Saúde
Horário: 8 horas
Inscrições: CA de Odontologia

SEMINÁRIO: A UNIVERSIDADE BRASILEIRA E A CONSTITUINTE

Período: 20 a 22 de novembro
Horário: Manhã e tarde
Abertura dia 20/11 com a presença dos decanos, reitor e o ministro da Desburocratização Paulo Lustosa. O Seminário abordará temas como “A História recente da Universidade Brasileira”, “Universidade e Democracia”, “Universidade e Constituinte”.

MISSA NA UnB

Diariamente às 12:00 horas, de segunda a quinta-feira, no anfiteatro 06 e às sextas-feiras, no auditório do Desenho. Participe.

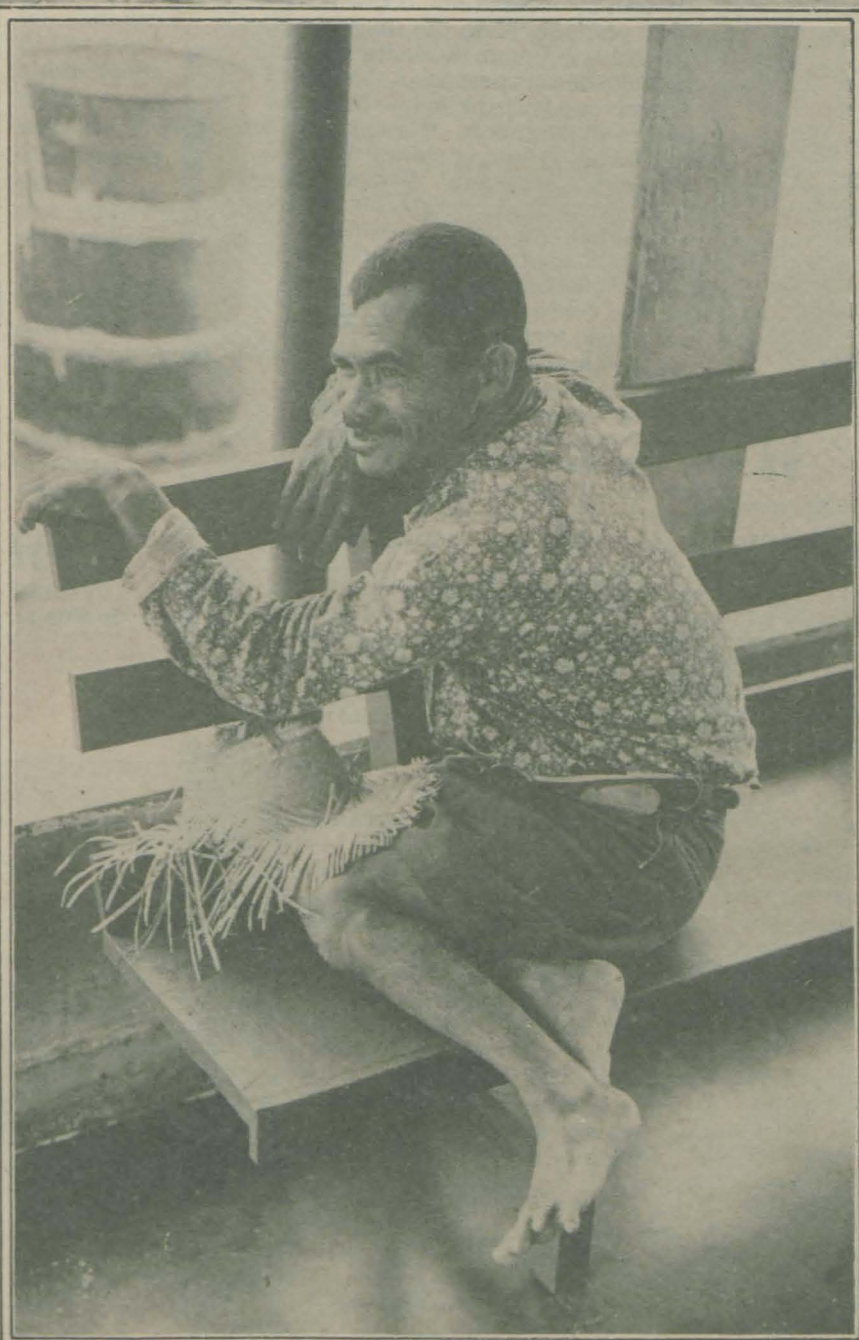
LEMBRETE: Funciona no estacionamento da ala sul, uma barbearia e uma sapataria. A Sapataria faz consertos em geral e sapatos por encomenda.

Curso de Fotojornalismo: Produção e Reflexão Teórica

Período: 12 de novembro a 5 de dezembro
Horário: 20 às 22 horas
Local: Anfiteatro 19
Inscrições na DAA
Professor: Milton Guran

A CRECHE DA UnB

1º Debate Questão do programa Infância-Juvenil.
Período: 18 de novembro de 1985, às 15 horas.
Local: Auditório da Reitoria
Promoção: DAC, Comissão Creche e Conselho Provisório de Pais do Programa Infância-Juvenil



“ A senhora tá vendo os elementos que nós temos. Esses elementos não podem ter coisa muito boa mesmo. Isso porque são deficientes, a maior parte incapazes. Acho que não podem ter coisa boa. Eles merecem. Mas é por que vivem se arrastando, sujando. Coisa boa é mais trabalhoso, depende de mais despesa . ”

Benedito de Araújo Mello
(Presidente da Conferência
São Vicente de Paulo)

UMA VIAGEM ATRAVÉS DA LOUCURA

Um inferno em Luziânia

ANA PAULA ARARIPE, LUIS QUEIROZ E SANDRA MACHADO
FOTOS: LUIS QUEIROZ

Asilo São Vicente de Paula — 5 de novembro de 1985 —
Um prédio pequeno, como tantos outros em Luziânia. As paredes bege descascadas, sendo lavadas por uma chuva fina e escassa. Um clima pesado e triste. Dois mundos separados por um portão verde de um metro e oitenta. Na varanda, seis pessoas nos olhavam numa mistura de curiosidade, expectativa e desconfiança. Divina, uma mulher de 50 anos se aproximava para pedir um cigarro. Já estava com um charuto pendurado no canto da boca e espalhava um cheiro insuportável.

As pessoas não falavam. A palavra era substituída por gestos e gemidos. Bebê gritava. Queria dar seu depoimento. "Eu não tenho mãe, não tenho irmão". No hall, um banco, um sofá e duas cadeiras estavam vazios. Avancamos e encontramos um pátio. Lá, 15 quartos, com duas camas cada um, eram divididos entre paráliticos e pessoas mais idosas. As plantas penduradas no pátio não modificavam e nem amenizavam aquele cenário.

Num dos quartos, Elídia, uma parálitica de 30 anos. A ausência de janelas e de iluminação são apenas algumas das coisas que faltam naquele cubículo. Um cheiro horrível exala do quarto. Sem falar, Elídia nos mostra uma ferida no seio, completamente aberta. As moscas pousam. Ela gesticula, tenta falar. Não consegue. Olha para a ferida e nos suplica uma ajuda com os olhos. Elídia tem câncer e a doença já começa a mostrar os seus terríveis sinais. Os cabelos estão caindo e a perda de peso já é notada.

No outro quarto uma velhinha, "a vovó", bate na cabeça e coça as pernas finas. Uma outra se contorce para nos ver. Não pode levantar. Uma menina sem roupa sai de um quarto, arrastando-se pelo chão e segue em direção ao banheiro.

Na entrada do asilo, à direita, um outro prédio. É a casa do zelador. Além da esposa, que é cozinheira, vivem ali os quatro filhos. Ao lado, no mesmo prédio duas cozinhas e uma copa. As paredes estão sujas, a luz é fraca e as panelas não são suficientes. Além de uma pia, encontramos na cozinha dois fogões e duas geladeiras.

Descendo pela casa do caseiro à direita, encontramos nove casinhas de seis metros quadrados cada uma. As camas estão sem lençóis. Não há luz. Além de dois internos, ela ainda abriga gatos e galinhas. Não há nenhuma ventilação.

A esquerda, uma lavanderia e mais 17 quartos. O banheiro fica perto da lavanderia. Num dos

quartos, um senhor de 50 anos pede um rádio de presente. Ele não pode se mexer. Está largado na cama, respirando o mofo dos colchões e das paredes.

Em outro quarto está Maria, uma mulher de 48 anos, que sofre com a doença de Parkinson. Treme sem parar, os braços, as pernas, o corpo inteiro. A doença não tem cura, mas existem remédios para aliviá-la. Segundo o tesoureiro do asilo, é impossível manter a medicação, pois é muito cara. Maria nos mostrou dois vidros contendo algumas pílulas. Lemos as bulas e constatamos que um dos medicamentos era contra-indicado para a doença. É bem provável que isso esteja contribuindo para piorar o estado dela... Está tão magra que é difícil

"Tá fartando tudo. Iluminação pro pessoal que dorme nas casinhas. Tem que ter mais uma faxineira. Assim no termo de alimentação é fraco. Faltava bastante coisa pra dar mais conforto pra eles."

(Eliseu, zelador do Asilo)

enxergar carne por cima dos ossos.

Com os olhos cheios d'água, ela nos conta como vivia antes de entrar no asilo. Morava com o marido, no interior do Mato Grosso. Isolada no campo, sem nenhuma assistência, ela sofreu muito. Isso deve ter contribuído para a sua entrada no asilo. Maria diz que numa tarde, o marido caiu de cólica, "obrando sangue purinho". Um rapaz apareceu e o levou para um hospital. "Eu estava menstruada e o susto que levei foi tão grande que, depois de algum tempo, o nervosismo apareceu e comecei a notar tremor na perna direita". Maria nunca mais viu o marido e a preocupação e o nervosismo aumentaram. "Eu vivia tão bem mais ele. Que nem duas crianças... Foi o primeiro e único que possuí".

Maria declara, com ar resignado, que fez uma promessa. Se melhorasse da doença, ficaria no asilo para cuidar dos outros. "Eles precisam de ajuda. Mais do que eu".

Saindo do quarto de Maria, paramos com outra Divina. Perguntamos quantos anos ela tem. "Eu não tenho ano ainda não". A

família está em Goiânia. Não conseguimos entender o que dizia. O único comentário audível: "Tem muito tempo que estou aqui..."

Oripe tem 38 anos. Fica andando de um lado para o outro no pequeno pátio. A fala um pouco cortada dificulta a compreensão. "Muitos anos que estou aqui. Muitos tempos..." Por quê? "Ruíndade. Mas eu agora sou grandão. Mato aqueles... Eu cresci muito, tô velho. Foi eles que me pôs aqui... Gente da cidade Eclética... É".

A maioria dos internos não sabe dizer a idade ou o nome ou se tem parentes. Bebê diz ter 14 anos mas, na verdade, parece ter 30. Veio de uma fazenda, localizada nas proximidades da cidade. Gagueja muito quando fica nervoso, sem saber o que responder. Lembra que os parentes trazem comida, pano e roupa. Olhando-se para ele, tem-se certeza que o que diz não é verdade. Está tão magro e esfarrapado como os demais. A condição dessas pessoas é tão miserável, que gostam do que lhes é servido diariamente. Raramente tem carne. O que sustenta é arroz, feijão e salada. À noite o menu varia entre sopa e macarrão. No café da manhã, é servido um pão com manteiga. Não existem assistentes para cuidar dos que não conseguem comer ou tomar banho sozinhos.

A cozinheira do asilo, D. Aparecida, diz que não é fácil conviver com os doentes. "É pior do que mexer com criança". Ela está lá há três meses e ainda não viu um médico no asilo. Ela nos conta também que os internos não tomam banho todos os dias, pois a faxineira não dá conta de lavar todos eles e ainda limpar os quartos.

O marido de D. Aparecida, o zelador, diz que "tá fartando tudo". Ele não tem uma função específica dentro do asilo. Faz de tudo um pouco. Além de ser pedreiro, encanador, seu Eliseu ainda olha o pessoal para não brigar. Ele está lá para fazer caridade, para ajudar.

D. Aldaira, de 48 anos, faz o serviço mais pesado. É ela quem lava todas as roupas, os lençóis e as toalhas. A máquina funciona sem parar. Ela fala que é difícil trabalhar no asilo. Isso porque ela "topa tanta coisa". "É porcaria, bosta, urina e vômito". A lavadeira trabalha pois é pobre e tem de sustentar uma casa com seis filhos e um neto.

A união e a amizade de alguns internos é que possivelmente mantém aquelas pessoas vivas. A falta de assistência e o descaso das autoridades talvez sejam compensados pelo carinho que uns têm com os outros. Como diz Maria: "Temos que morrer felizes. Temos que continuar sorrindo".



"Tem médico que vai lá pelo menos de 15 em 15 dias. Tem uma pessoa que cuida de curativos, um atendente de saúde. O hospital não tem nenhuma obrigação com o asilo, embora receba pacientes para internato a título de ajuda."

(Prefeito Orlando Roriz)





“Gente boba misturada com gente ativa, não dá. Sai daí”.
(Conselho que deram a Natal)



“Eu não tenho mãe, não tenho irmão. Tenho 14 anos. Eu... Eeeuu acho bão aqui. Tem horas que não é não.”
(Bebé, um dos internos)

O descaso das autoridades

O Prefeito de Luziânia, Orlando Roriz, dá a visão oficial sobre o asilo: “Sabemos da promiscuidade do lugar. É uma misturada... homens com mulheres, doentes com sadios, idosos com loucos. É uma área de assistência social que está deficiente, mas é propriedade particular e é mantida com a ajuda da sociedade. Não podemos interferir diretamente”. Dizendo que a prefeitura doou 700 mil cruzeiros este ano, Roriz esclarece que pretende estender mais a assistência ao asilo. “Mas o município é muito carente e cheio de outras prioridades”, afirma.

Segundo Roriz, o asilo é o chamado “quarto estágio”, pessoas sem aposentadoria, sem assistência

do FUNRURAL, sem INAMPS, enfim, sem nenhuma assistência. Pessoas abandonadas, sem família ou parentes. “Ali onde estão, eles recebem alguma caridade, como alimentos e vestimentas”.

Benedito de Araújo Mello, Presidente da Conferência São Vicente de Paulo, é taxativo quanto às condições do asilo: “Não há como melhorar. Não temos recursos. Vaise levando”. Parece que o nivelamento é feito sempre por baixo, quando se fala em condições mais humanas. “Esses elementos que nós temos não podem conviver com coisa melhor que isso. Eles sujam tudo, não têm higiene...”. A indagação é: como pessoas que mal conseguem mover os membros do corpo, teriam condições de cuidar da higiene pessoal?

A família Mello responsável

pela Conferência e possui dois membros na sociedade médica que compõe o hospital da cidade.

Benedito Mello explica que nada é propriedade da família. “A Conferência é uma sociedade com fins filantrópicos e o hospital tem fins lucrativos”, afirma Mello. Segundo informações, o hospital pertencia à Conferência, mas foi vendido à sociedade médica. “Agora, o hospital não tem nenhuma obrigação para com o asilo. Mas, na verdade, parece que há muito não se vê um médico naquelas paragens.

O tesoureiro do asilo, Natal de Mello, garante que o sustento do lugar vem de doações. “A família não dá dinheiro, o Benedito é quem paga os funcionários”. Ele admite que não existe condição de vida ali e acha difícil que, algum dia, venha a ter.

O outro lado de Luziânia

Uma cidade típica do interior. Poucos hospitais, poucas delegacias, muitas igrejas. Santa Luzia, hoje Luziânia, tem 250 mil habitantes e 240 anos de história. O município abrange sete cidades, numa área de cinco mil quilômetros quadrados: Pedregal, Novo Gama, Valparaíso, Céu Azul, Jardim do Ingá, Cidade Ocidental e a própria sede do município estão espalhadas nessa área.

Luziânia fica a 56 quilômetros de Brasília e possui 105 escolas, da rede municipal e estadual. São mais de 25 mil alunos na rede municipal. Dois hospitais atendem a toda a população. Um posto do Organização de Saúde do Estado de Goiás, localizado na sede do município, também presta assistência médica.

Não existe um instituto médico-legal. Em caso de morte, é preciso vir a Brasília.

O sistema de esgoto é de fossas. Existem 45 mil residências na grande Luziânia e mais de dez mil propriedades rurais. Nos arredores da cidade, há uma região de grandes fazendas, do pessoal do sul, que produz soja. O prefeito Orlando Roriz diz que em Luziânia não existem nem latifúndios nem grandes fazendas. “Há alguns fazendeiros com áreas maiores, mas hoje são quase todas produtivas”. A atividade básica da população é a pastoril.

A cidade conta com apenas uma delegacia geral e outras quatro subdelegacias espalhadas pelas outras seis “vilas”. Além da Igreja do Rosário, que tem mais de 200 anos, o município possui 14 igrejas de diferentes seitas.

A única rádio da cidade, “Rádio Jornal de Luziânia”, trata de difundir a cultura sertaneja. Ela foi fundada há três anos e atinge um raio de 180 quilômetros quadrados. Os dois cinemas estão fechados. A prefeitura mantém uma escola de artesanato, “A Casa da Cultura”, que atende mais de 200 pessoas.

A Câmara Municipal tem 15 vereadores, sendo que 11 são do PMDB, um do PT e três do PDS. A Prefeitura conta com um orçamento de trinta bilhões de cruzeiros para o ano que vem. Uma parte vai ser destinada ao ginásio de esporte que está sendo construído e que vai abrigar sete mil pessoas. No próximo ano, vão ser construídas quadras de esporte no Novo Gama, em Valparaíso e nas demais “vilas”.

Ah, existe também em Luziânia um asilo de loucos em péssimas condições...



“As condições que eles vivem são muito melhores do que um grande núcleo que temos aí fora. Existem outros carentes fora do asilo, que estão muito mais necessitados.”

Orlando Roriz
(prefeito de Luziânia).

O que é que o Asilo (não) tem?

O asilo São Vicente de Paulo, localizado na rua José de Mello número 53, é uma entidade particular, mantida pela Conferência São Vicente de Paulo. Em Luziânia, a Conferência foi fundada em 1917 e desde então tem como presidente Benedito Araújo Mello. O asilo é administrado por três pessoas. Além do presidente, existem um tesoureiro e um zelador. Para os serviços “caseiros”, o asilo conta com uma cozinheira, uma faxineira e uma lavadeira. A lavadeira e a faxineira ganham 80 mil, enquanto a cozinheira e o zelador recebem 150 mil cruzeiros cada um. São 32 quartos distribuídos em dois andares. Cada um deles possui em média duas camas. Três banheiros atendem 53 internos, mas não funcionam. O hospital da cidade “presta” assistência ao asilo de vez em quando. Vale ressaltar que até 1975, esse mesmo hospital pertencia à Conferência São Vicente de Paulo. O asilo conta ainda com duas cozinhas e uma copa. Lá, são servidos o café da manhã, o almoço, o lanche e o jantar. Ao fundo, um quintal serve como área de lazer. Além dos internos, o asilo ainda abriga uma mela dúzia de galinhas. Lá também tem um varal, onde são estendidas as roupas en-



UNB - BIBLIOTECA CENTRAL

Ano 1 nº 1
Novembro de 1985

378.4 (817.4) (05)

idéias

Caderno Especial
do Jornal Laboratório **Campus**

FREI BETTO

por um outro
cristianismo



FREI

BETTO



A pesar de haver acompanhado várias discussões sobre o início da Universidade de Brasília, quando Frei Mateus Rocha, Provincial dos dominicanos brasileiros, assumiu a reitoria no lugar de Darcy Ribeiro, Frei Betto nunca tinha estado na UnB até o dia 5 deste mês, quando veio fazer palestra sobre “Fé e Socialismo” e autografar seu último livro, “Fidel e a Religião”, a convite do CEUP (Centro de Estudos Universidade Popular) e do jornal *Campus*. Aproveitando a oportunidade, o *Campus* publica este caderno com trechos da palestra e do debate, além de uma entrevista.

Em um anfiteatro lotado, Frei Betto falou sobre as semelhanças existentes entre o projeto cristão e o projeto comunista e sobre a necessidade de que os cristãos se unam aos revolucionários num processo de libertação da América Latina. Não deixou de comentar suas

impressões sobre Cuba e de fazer críticas ao governo da Nova República, afirmando que este traiu as esperanças do povo ao fazer uma substituinte no lugar de uma constituinte e elaborar um plano de reforma agrária pior que o Estatuto da Terra do general Castello Branco. Frei Betto acha que a Universidade deve ser uma caixa de ressonância da sociedade e não cair no equívoco de acreditar que a simples guerra dos conceitos é suficiente para mudar a realidade.

O frade dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, 41 anos, nunca se limitou às especulações teóricas. Militante do movimento estudantil desde os 13 anos, participou da experiência da luta armada nascida na universidade brasileira nos anos 60, ficou preso de 68 a 71 e atualmente faz parte do grupo de teólogos da libertação. E também assessor da Pastoral Operária de São Bernardo do Campo e de comunidades eclesiais de base por todo o Brasil, além de desenvolver um trabalho pastoral junto às Igrejas de Cuba e da Nicarágua.

idé!as

Editor Geral — Carlos Augusto Setti
Secretário de Redação — Hélio Doyle
Editoria de Arte — Maria Rita e Chico Amaral
Edição e Reportagem — Catarina Guerra e Margarete Vitória

Fotos — Marcelo Feijó e Arquivo Campus
Laboratorista — Jeová Xangô
Composição, Impressão e Revisão — CORREIO BRAZILIENSE

“A burguesia fingiu que entregou os anéis para não perder os dedos”

CATARINA GUERRA E MARGARETE VITORIA

Campus — No seu livro *Fidel* fala da necessidade de que os cristãos unam-se aos marxistas aqui na América Latina num processo de libertação. Você concorda com ele?

Frei Betto — Eu acho que o projeto de libertação na América Latina deve unir cristãos, marxistas, democratas, muçulmanos, judeus, todas as pessoas que de alguma maneira estejam comprometidas com uma aspiração de justiça. A unidade entre cristãos e marxistas na América Latina não pode ser considerada meramente estratégica, é uma unidade muito mais forte. Qualquer trabalhador latino-americano tem como subsídio cultural mais elementar os valores cristãos. Então eu acho que necessariamente essa incorporação, essa unidade na prática é a condição de êxito de uma luta por transformação social e justiça na América Latina. No caso do Brasil, eu acho que a união não vai se dar necessariamente entre cristãos e marxistas, mas entre todos que lutam por esta transformação social.

Campus — Você acredita que há manipulação dos valores religiosos pela classe dominante no sentido de manter sua dominação?

Frei Betto — Sim. A classe dominante é inteiramente idólatra. O deus no qual ela acredita é um deus da legitimação da opressão, da discriminação racial, dos regimes ditatoriais. Eu acho que a classe dominante faz uma manipulação direta da questão religiosa como arma de dominação ideológica. Isto acontece hoje na Nicarágua, onde através da questão religiosa o imperialismo difunde uma campanha contra os sandinistas. Acredito que é papel da Teologia da Libertação desmistificar este tipo de discurso religioso.

Campus — Como você vê a hostilidade das correntes mais conservadoras da Igreja em relação à Teologia da Libertação?

Frei Betto — Eu vejo como natural. Não há nenhum período da Igreja em que não tenham havido tensões internas. A primeira grande tensão interna da vida da Igreja foi quando Pedro e Paulo se desentenderam e tiveram que convocar uma reunião que foi o primeiro Concílio da História da Igreja, o Concílio de Jerusalém, no ano 51. Curiosamente, quem saiu vitorioso do Concílio não foi o Papa, que era Pedro, mas Paulo, que era um apóstolo. Essas tensões serão tanto mais agudas quanto mais agudas forem as contradições de classe que se refletem no interior da Igreja. Porém isso não significa nenhuma ameaça de cisma. Acho que a preocupação que Roma tem com a Teologia da Libertação é muito mais político do que doutrinária,

na medida em que esta teologia defende um projeto social e um modelo de Igreja que não correspondem nem ao modelo de Igreja vaticana nem ao projeto social ao qual o Vaticano está historicamente vinculado, que é o projeto liberal burguês.

Campus — Apesar de Cuba ter somente um partido, não se realizarem eleições diretas e todos os meios de comunicação estarem nas mãos do Estado, Fidel considera o sistema cubano mais democrático do que o sistema dos países capitalistas avançados. Qual sua opinião sobre isto?

Frei Betto — Curiosamente me fazem mais esta pergunta do que a pergunta sobre a questão da fome, da prostituição, das drogas, da assistência médica e das favelas. Eu acho que essa é uma preocupação acentuadamente pequeno-burguesa no sentido de que nós, pequenos-burgueses, temos nossas condições sociais asseguradas e portanto não somos tão sensíveis aos êxitos da revolução que dizem respeito às condições de vida da maioria da população. Por outro lado, se fala em eleição em Cuba como se eleição direta fosse uma exigência intrínseca ao modelo democrático. Eu acho que a história está cheia de diferentes modelos políticos que têm diferentes processos eleitorais, e o fato de não haver eleição direta nem indireta na Igreja jamais lhe trouxe o ônus de ser chamada de ditadura. Curiosamente são pessoas que se arvoram em grandes defensores da Igreja que colocam o problema da exigência de eleições diretas para os regimes políticos. E porque então não fazer com que ela volte a existir na Igreja como existia nos primeiros séculos, quando o próprio povo indicava os bispos?

Quando Fidel foi perguntado por um jornalista americano se em Cuba existia democracia, Fidel lhe perguntou se ele conhecia algum país democrata. Ele disse que conhecia o seu, os Estados Unidos. Fidel então falou: Vamos fazer uma comparação. Quantos milionários existem nos Estados Unidos e quantos existem em Cuba? Quantos negros marginalizados, humilhados pela polícia há nos Estados Unidos e quantos há em Cuba? Quantos mafiosos, prostitutas, drogados, traficantes existem nos Estados Unidos e quantos em Cuba? E o que é que você chama de democracia? Eu

acho que a questão da democracia tem como princípio não o processo eleitoral de escolha dos dirigentes políticos, mas o regime político e toda a sua estrutura econômica estarem diretamente voltados para os interesses da maioria da população. Eu poderia ter a mais “bela” das democracias como a suposta democracia americana, em que Reagan é eleito por 26% dos eleitores do país e no entanto posa de grande democrata, e isso não satisfazer as necessidades da maioria do povo, como acontece nas chamadas democracias ocidentais capitalistas. Por outro lado, em Cuba existem eleições. De cinco em cinco anos são eleitos os que equivalem aos vereadores, deputados estaduais e federais.

Quanto à imprensa, está cada vez mais aberta em Cuba. No Encontro sobre Dívida Externa todos os nossos discursos foram diretamente irradiados e televisados para todo o País, inclusive o discurso de pessoas anticomunistas, de direita, empresários, cerca de 100 cristãos presentes, todos puderam falar abertamente. Isso não significa que eu considere o modelo cubano o modelo a ser copiado pelo Brasil. Eu acho que dentro de cada processo nacional nós vamos encontrar as condições possíveis de construção do nosso modelo de justiça social.

Campus — Você poderia falar um pouco mais sobre as condições de vida do povo cubano?

Frei Betto — Em Cuba não existe o problema da fome. O cubano tem dois sistemas de alimentação, a libreta e o la libre. A libreta é a caderneta registrada no armazém da esquina, onde se compra os alimentos básicos por um preço quase que simbólico. Eu entrevistei um motorista que gasta por mês na libreta, para ter toda a alimentação necessária para ele, a mulher e os dois fi-

Marcelo Feijó



“A preocupação de Roma com a Teologia da Libertação é muito mais política do que doutrinária, na medida em que esta teologia defende um projeto social diferente do projeto liberal burguês, ao qual a Igreja está historicamente vinculada”.

lhos, nove pesos, e eles ganham 300 por mês. Ai ele me disse que, como eles gostam de luxo, vão ao la libre. La libre é o supermercado onde ele compra os mesmos produtos pagando três ou quatro vezes mais, porém lá pode comprar na quantidade desejada. Isso significa que o luxo de alguns subsidia o básico necessário para toda a população do País. A inflação é de 3% ao ano. A questão da moradia ainda não está resolvida, porque o país não dispõe de recursos para construir novas moradias na mesma proporção do crescimento populacional. Porém lá uma família nunca gasta mais de 10% do salário com aluguel. As favelas acabaram. Nos setores da educação e da saúde houve um avanço incrível. Todo o sistema educacional, com exceção da creche, é gratuito, inclusive cursos paralelos como balé, violão, cursos de língua, etc. E também é gratuita toda a assistência médica e dentária.

Campus — O regime cubano não se apóia excessivamente no mito Fidel?

Frei Betto — Eu não acredito em cultura sem encarnação pessoal. Nós no Brasil, pela desmemorização provocada pela cultura dominante, somos órfãos de mitos. Não temos, por exemplo, nada comparável a Sandino, a Farabundo Martí, a José Martí, não temos essas figuras que sugerem um impeto de justiça, de transformações, de sociedade fraterna. Não acredito que um simples programa partidário possa nos mobilizar. Nós nos mobilizamos pelo testemunho de pessoas que fazem uma adequação entre sua teoria e sua prática. De modo que para entender o mito Fidel, precisa-se situá-lo dentro das condições cubanas, ou seja, pelo corpo e pela mente daquele cidadão passa toda a história recente de Cuba. Pensar Cuba

sem Fidel é ingenuidade. Isso não significa que sua morte trará um caos para o país. Pode trazer mudanças nos dirigentes políticos, no regime, mas não trará necessariamente um retrocesso do socialismo.

Campus — Como se dá a oposição ao governo de Fidel?

Frei Betto — Através dos mecanismos de participação popular, sindical e política. Existem grupos com propostas diferentes dentro do partido, e para isto se fazem reuniões. Não é reconhecido o direito de crítica a quem não participa, pois num país tão agredido pelo CIA, onde tantas pessoas tentaram desestabilizar o regime, pagas pelos Estados Unidos, é muito estranho que alguém faça críticas sem nenhum compromisso com a construção de uma sociedade justa.

Campus — Qual sua opinião sobre as declarações do arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Colling, de que a CNBB devia se preocupar mais com a evangelização e menos com questões materiais como reforma agrária e constituinte?

Frei Betto — É um dever ético, moral e político da CNBB defender o povo em qualquer circunstância. Quando esse arcebispo fala que a Igreja deve se preocupar com as coisas espirituais, é curioso notar que nunca se falou que a Igreja se metia em política quando o padre ia benzer a agência bancária na esquina ou consagrar a capela do latifúndio. Mas quando o padre apóia a greve dos bancários ou defende os peões que estão sendo escravizados numa fazenda, aí dizem que ela está fazendo política. A Igreja necessariamente faz política, não de uma forma partidária, mas por exigência evangélica. Eu diria que ao defender o governo das críticas da CNBB, o arcebispo de Porto Alegre também está fazendo política, só que uma política antipopular e antievangélica, uma política que favorece uma perpetuação da elite que estabeleceu o grande pacto nacional chamado de aliança Democrática e que tenta, mais uma vez, enganar, iludir e trair os interesses populares.

Campus — Você acha que a Nova República está sendo fiel ao projeto de Tancredo?

Frei Betto — Eu acho que ela está sendo fiel ao projeto de perpetuação das elites no poder.

Campus — Você acredita que com Tancredo poderia ser diferente?

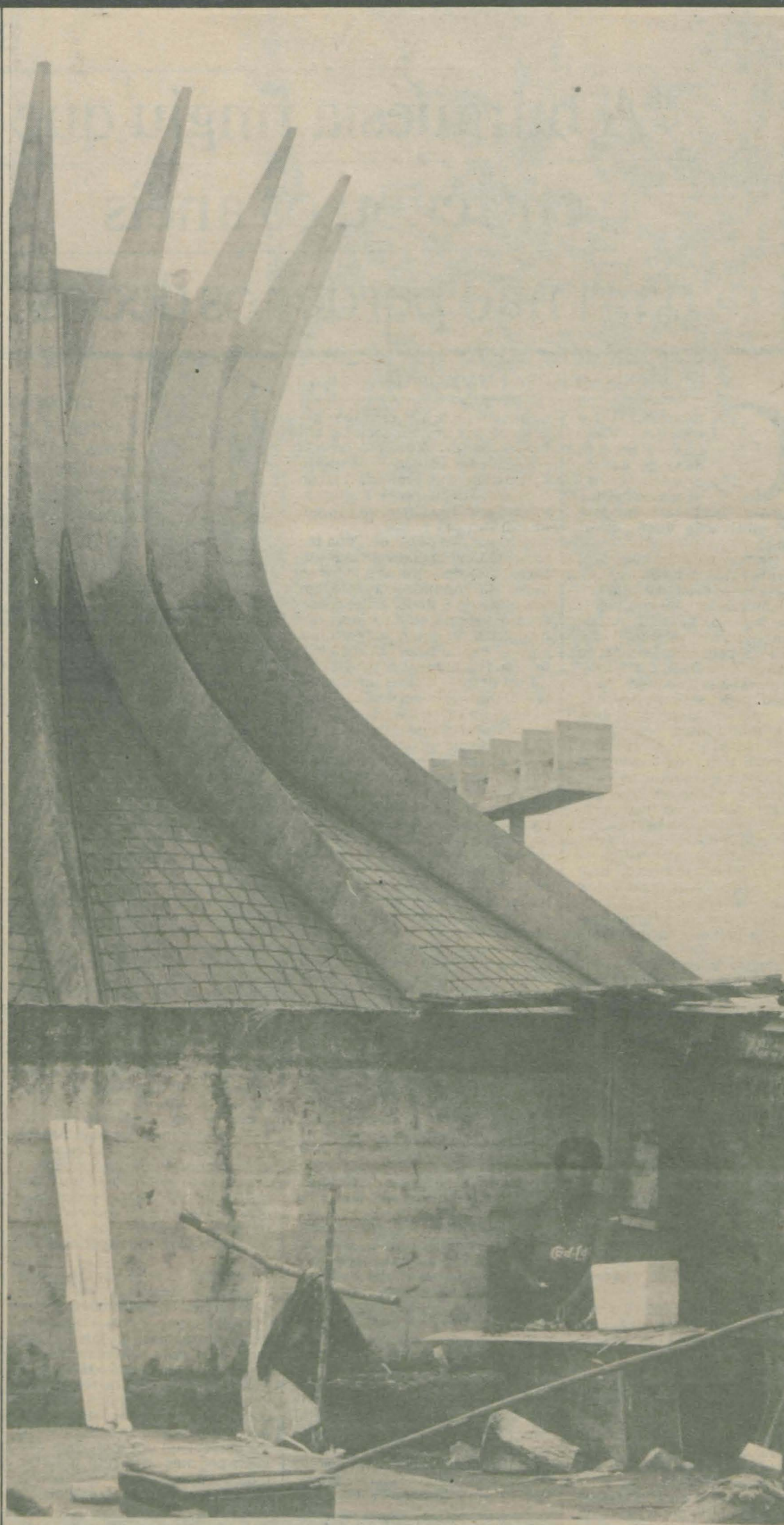
Frei Betto — Não estou absolutamente seguro disto. É muito difícil dizer como seria, mas posso dizer que o projeto da Nova República não é um projeto popular. É basicamente um projeto de perpetuação no poder, ou seja, a burguesia fingiu que entregou os anéis para não perder os dedos. As eleições municipais estão mostrando o quanto se procura restabelecer uma política oportunista, de carreirismo pessoal através de uma grande demagogia em cima dos eleitores.

“Se fala em eleição em Cuba como se eleição direta fosse uma exigência intrínseca ao modelo democrático. Acho que essa é uma preocupação acentuadamente pequeno-burguesa no sentido de que nós, pequenos-burgueses, temos nossas condições sociais asseguradas e portanto não somos tão sensíveis aos êxitos da revolução que dizem respeito às condições de vida da maioria da população”.

PALESTRA

Por que hoje existem pessoas na Igreja que defendem alternativas futuras de um projeto socialista? Por que nós temos simpatia pelo marxismo e pelos atuais países socialistas? Eu diria que a primeira razão é por decorrência da nossa própria fé. Nos anos 1250 a. C. havia um país imperialista chamado Egito que vivia sob o modo de produção asiático no qual se usava a força de trabalho escravo na construção das chamadas obras faraônicas. A dominação ideológica dos faraós no Egito se mantinha através da hierarquia de deuses, do politeísmo. O deus do faraó, evidentemente, era um deus importante, capaz de resolver os problemas do país, enquanto que o pequeno agricultor egípcio tinha um pequeno deus que só servia para o quebra-galho doméstico. A própria estrutura politeísta legitimava, então, a divisão social, porque se há diferentes deuses no céu, nada mais normal do que haver diferentes classes sociais na terra. Eu ouvi o mesmo argumento da boca de um bispo brasileiro, Dom Sigaud, que numa ocasião me disse: "Tem que haver divisão na sociedade. Pois se até entre os anjos há diferentes classes, os querubins e os serafins!" Porém se acreditamos que há um só Deus que é Pai, somos todos irmãos, e nenhuma barreira que impeça nossa fraternidade se justifica à luz da fé. Tudo o que impede a fraternidade humana deve ser subvertido pelo cristão. O cristão não pode compactuar com nenhuma forma de dominação e discriminação, porque ele crê num Deus que é Pai e que nos fez irmãos.

Marcelo Feijó



"A classe dominante é inteiramente idólatra. O deus no qual ela acredita é um deus da legitimação da opressão, da discriminação racial, dos regimes ditatoriais. A classe dominante faz uma manipulação direta da questão religiosa como arma ideológica".

A caminho da utopia

Os padres do colégio onde estudei diziam: "Olha, essa história de paraíso na terra é uma utopia dos comunistas!" E eu descobri que a primeira página da Bíblia trata exatamente disto. Deus nos criou para vivermos num paraíso, e se o paraíso não existe não é por culpa de Deus. A experiência do social predominando sobre os interesses privados, que é a essência do projeto socialista, é intrinsecamente bíblica. O critério da pregação da prática de Jesus é o bem-estar da maioria, principalmente dos pobres. E na Bíblia Deus tem uma opção preferencial pelos pobres não porque eles sejam bons ou ruins, mas porque a mera existência da pobreza é o sinal mais evidente de que o projeto de Deus falhou. História foi subvertida. Deus se aliou aos pobres porque se alia ao projeto de libertação. Jesus escolhe como companheiros trabalhadores comuns e sua pregação se dirige a todos, mas a partir de um universo social específico, o universo social dos oprimidos. Não se deve confundir universalidade da pregação de Jesus com neutralidade social do seu conteúdo. Não há um só exemplo no Evangelho de quem tenha aderido a Jesus sem antes aderir à causa do oprimido. Essa invenção de cristão burguês, essa absurda contradição do sujeito cuja prática não tem nada a ver com a proposta do Evangelho, mas se diz cristão, é coisa de Constantino para cá. Todo o exemplo evangélico é de uma atuação de Jesus a favor dos interesses de uma maioria e colocando critérios muito rigorosos do que ele entende por liberdade e personalização.

Porém a Igreja se aliou historicamente ao projeto de dominação, tanto na ocupação ibérica da América Latina, também conhecida como "descoberta", quando começou o genocídio dos índios, quanto em relação à escravidão dos negros, quando a omissão, o silêncio e a cumplicidade da Igreja foram completos. Posteriormente, a Igreja se aliou ao projeto de dominação burguesa. Hoje, as contradições sociais se acirraram de tal forma que essa hegemonia da aliança de dominação dentro da estrutura da Igreja se rompeu, e ela voltou a descobrir suas fontes evangélicas.

Participando de um debate no Teatro Casa Grande, no Rio, um famoso intelectual marxista disse que a Igreja é muito oportunista e tem uma grande sabedoria de perpetuação na história. Assim, ela oportunamente optou por uma aliança com a burguesia e agora no Brasil passa a optar por uma aliança com os trabalhadores, assegurando sua perpetuação. Eu particularmente acredito que do ponto de vista de um raciocínio idealista, de quem imagina a Igreja uma sociedade de anjos que pairam acima das contradições de classe, o argumento é perfeito. Eventualmente nós damos uma regulada para os pobres, e outra para os ricos. Mas se eu tenho um raciocínio dialético, sinto que a Igreja é uma instituição integrada por pessoas que fazem parte das contradições de classe que estão aí, e enquanto houver contradição social haverá contradição dentro da Igreja. Em função disto ela vem sofrendo uma mudança, já tardia. O Manifesto Comunista é de 1848 e a Encíclica Rerum Novarum de 1891 já chegou muito atrasada, nem assim indo à raiz da questão, que é não haver solução para a classe tra-

balhadora dentro do sistema capitalista.

O sistema capitalista é intrinsecamente perverso, não possibilita reformas, a menos que nós aceitemos, dentro do ponto de vista moral e ético, que existam pessoas que devam viver numa situação privilegiada às custas do trabalho de uma grande maioria de pessoas que vivam numa situação de carência. É muito fácil falar dos modelos da Europa Ocidental esquecendo que a Holanda, Bélgica, França, Itália, Inglaterra dão maiores benefícios à sua classe trabalhadora às custas da miséria de outros povos. É muito fácil falar destes modelos com democracia. A doutrina social da Igreja vai muito por aí. Ela ainda não rompeu este esquema, porque a teologia da Igreja é uma teologia que também paga tributos ao lugar social e político em que ela é elaborada. Daí a diferença entre a Teologia Liberal da Europa e a Teologia da Libertação.

QUATRO TEOLOGIAS

E será que na mesma Igreja, com o mesmo Papa, podem existir várias teologias? Os quatro evangelhos são quatro diferentes teologias. Se a Igreja primitiva comportava quatro teologias, porque esta idéia de uma América Latina respirando uma teologia, própria do contexto europeu? Isso sem falar na liturgia. A liturgia católica tradicional, felizmente renovada em muitas comunidades, nada mais é do que o filme "Sissi, a Imperatriz da Áustria". Aquela coisa das pessoas todas em silêncio, ajoelhadas, nada mais é do que a monarquia europeia. Não tem nada a ver com quem tem

sangue de negro e índio. O candomblé sim, é a mais completa liturgia que há no Brasil. No candomblé não há sacerdotes e fiéis, todos são fiéis e sacerdotes ao mesmo tempo. Há uma totalização celebrativa, porque ali se inclui a música, o cheiro, a comida, a bebida, e todos os fiéis fazem experiências místicas. Eu acho que a liturgia católica tem muito a aprender com a liturgia do candomblé, e isto é uma questão cultural muito séria.

A teologia é sempre tributária das condições políticas em que ela é elaborada. O fato principal ocorrido na Europa em todo o século XX foram as duas guerras mundiais. A grande perplexidade da presunção europeia de berço da civilização vem com aqueles refinados devotos de Bach, de Mozart e de Beethoven se trucidando. Não há nada na cultura europeia no século XX, seja num filme de Bergman, de Fellini, de Saura, seja num romance de Joyce, de Thomas Mann, de Camus, seja a filosofia de Sartre, de Russel ou de Heidegger, que não represente uma tentativa de resposta à indagação: afinal, que valor tem a nossa vida, que valor tem a pessoa? E a teologia não ficou isenta disso. Toda a filosofia europeia está centrada na filosofia personalista, no conceito de pessoal, só que uma pessoa abstrata. A pessoa da filosofia europeia não come, não dorme, não toma ônibus, não tem CPF, não enfrenta fila, é a "pessoa". Já a Teologia da Libertação foi elaborada a partir da experiência de fé na América Latina. E o fato principal da história da América Latina no Século XX é a massiva existência de miseráveis. Brasil, por exemplo, tem 135 milhões de habitantes e 135 mi-

lhões de cabeças de gado. O nível de vida do gado brasileiro é invejavelmente superior ao nível de vida da população brasileira. Nós temos 100 milhões de pessoas vivendo com menos de três salários mínimos e 30 milhões de pessoas na miséria absoluta. No Brasil, o genocídio político chega ao ponto de trucidar mil crianças por dia com menos de um ano. Aqui são fuziladas politicamente todo ano 365 mil crianças com menos de um ano. E o índice oficial de morte por subnutrição no Brasil. Portanto, a questão básica de teologia na América Latina não é a pessoa, é a não-pessoa. Para entender essa produção constante e massiva da não-pessoa, e teologia tem que necessariamente buscar os recursos das ciências sociais. E buscando os recursos das ciências sociais, por honestidade intelectual, não pode ignorar a contribuição do marxismo, a única teoria que nos permite entender as raízes desse sistema que aí está.

CRISTIANISMO E MARXISMO

Mas há uma incompatibilidade ontológica entre cristianismo e marxismo, entre fé e socialismo? Como já disse, a expressão política e social de fé cristã é o projeto socialista, eu diria mais, é o projeto comunista. Nos Atos dos Apóstolos se fala claramente das experiências dos primeiros cristãos com um projeto comunista: "Punham em comum os seus bens, que eram devidos de acordo com a necessidade de cada um". Mas há uma certa versão do marxismo que não tem nenhum ponto de contato com uma certa versão do cristianismo. Por exemplo, a maneira como a TFP (Tradição, Família e Propriedade) entende o cristianismo não tem nenhum ponto

de contato com a maneira como Stálin via o marxismo. Stálin via o marxismo por uma ótica muito mais positiva do que marxista, e formou o marxismo naquilo não pretende ser, uma religião, um catálogo de dogmas. Eu não nem uma teoria política transformada em religião nem uma religião transformada em teoria política. Nós temos que lutar pela dessacralização da política e pela desideologização da fé. Enquanto eu julgo que a minha fé traz no seu bojo um projeto político eu me equivoco e corro o risco de tentar implantar uma cristandade de esquerda depois do equivoco da cristandade de direita. Do mesmo modo, também não posso aceitar que uma teoria dialética revolucionária se apoie no esquema dogmático. Mas há uma certa maneira de entender o marxismo que tem perfeita sintonia com uma certa maneira de entender o cristianismo.

Tanto o marxismo quanto o cristianismo suportam diferentes leituras. Todo texto é compreendido segundo a leitura do contexto. A mesma Bíblia é diferentemente lida nas Igrejas brancas da África do Sul, nas comunidades eclesiais de base do ABC paulista, nas Igrejas fundamentalistas dos Estados Unidos. Mas quem está mais próximo da verdadeira interpretação do texto é quem se coloca mais próximo do contexto em que o texto foi produzido. Se a Bíblia e o marxismo foram elaborados a partir da experiência de luta das classes trabalhadoras, quem se coloca dentro desta experiência estará mais próximo da compreensão correta destes textos. Numa Igreja burguesa a gente lê a Bíblia como quem abre uma janela para observar os interessantes fatos do passado, enquanto que numa comunidade de base a gente lê a Bíblia como quem coloca diante de si um espelho para saber o que Deus quer da gente aqui e agora. Do mesmo modo, o marxismo lido na Sorbonne é diferente do marxismo lido na guerrilha de El Salvador. E diria mais: o marxismo lido num continente crente e oprimido como a América Latina certamente sofrerá uma interpretação muito diferente do positivismo que predominou na sua leitura na Europa Ocidental e inclusive Oriental.

Burrice política é a esquerda brasileira dizendo para a massa que nós somos ateus, que a religião é o ópio do povo e que para nós sermos revolucionários é preciso abandonar a idéia de Deus. E claro que nenhum partido comunista até hoje fez revolução na América Latina. Os movimentos que fizeram, como o Movimento 26 de Julho ou a Frente Sandinista, incorporaram o sentimento religioso do povo no seu projeto de libertação. Eu não peço à esquerda brasileira que passe a fazer profissão de fé, mas que analise melhor o contexto, a realidade latino-americana, para entender o significado político do sentimento religioso do nosso povo. Nós vivemos num continente onde a cultura popular mais elementar é tecida em categorias religiosas. Se você perguntar a um operário ou a um agricultor como ele vê o mundo, ele vai dar uma resposta Religiosa. Aos olhos do meu condicionamento universitário isto pode soar como uma alienação, porque eu estou no olimpo da generalidade, da abstração do real. O próprio conceito de universalidade significa ser universal, abarcar toda a realidade através dos conceitos, a ponto de se julgar nas universalidades que a guerra dos conceitos é suficiente para mudar a realidade e então se fazer o jogo do sistema. A leitura que o oprimido faz de sua experiência religiosa em geral não coincide com a leitura que eu faço da experiência dele, a partir da minha classe social.



ARQUIVO/CAMPUS

"Eu vivo num País onde o genocídio político chega ao ponto de trucidar mil crianças por dia com menos de um ano. No meu país são fuziladas politicamente 365 mil crianças por ano com menos de um ano. E o índice oficial de morte por subnutrição no Brasil".

Arquivo/Campus



“A questão básica da teologia na América Latina não é a pessoa; é a não pessoa. Para entender essa produção constante e massiva da não pessoa, a teologia tem que necessariamente buscar os recursos das ciências sociais. Buscando os recursos das ciências sociais, por honestidade intelectual não pode ignorar a contribuição do marxismo”.

“Toda postura pastoral é política”

Um companheiro, numa comunidade de base, diz que domingo não vai à reunião porque vai com a família a Aparecida do Norte, já que Aparecida é a única Santa da cor de sua mãe, de sua mulher e de sua filha. Apesar de toda tentativa da Igreja oficial de impor à América Latina virgens européias brancas, o que predominou no continente foram virgens negras e morenas. Isto se chama cultura de resistência. A religião, ao mesmo tempo em que jogou um papel de subserviência, de dominação e alienação, jogou também o papel de libertação, de resistência na América Latina. A religião, como a arte, não é intrinsecamente uma alienação, nem intrinsecamente uma libertação. Depende de como esta energia está sendo canalizada. Neste ponto a burguesia sempre foi mais inteligente do que a esquerda. Porque embora até a prática e idolatria por princípio, a burguesia sempre se declarou cristã para reforçar seu domínio sobre o povo.

Eu dizia para meus companheiros de cárcere: o Deus que vocês negam, o Deus do capital, das cerimônias oficiais, dos protocolos, dos generais, eu também nego.

Um famoso marxista brasileiro, Diógenes de Arruda Câmara, que já morreu, depois de uma celebração no cárcere, no presídio Tiradentes, em São Paulo, me disse: “Betto, eu não acredito, mas agora acredito que você acredita”. Então é essa prática que vai levando à quebra de preconceitos, a aproximações e a descobertas fantásticas de como Marx e Jesus são tributários de sua experiência judaica. Se você coloca os arquétipos judaicos num quadro e escreve em cima Jesus e em baixo Marx, e começa a fazer um gráfico, você tem enormes surpresas. Porque Marx diz o seguinte: no início dos tempos havia uma sociedade comunista primitiva. A Bíblia diz que no início dos tempos havia o paraíso. Marx diz: essa sociedade comunista foi rompida pela luta de classes, pela apropriação privada. A Bíblia diz que Caim voltou-se contra Abel e o desentendimento entre os irmãos por ambição quebrou a harmonia inicial da história. O marxismo diz que essa harmonia quebrada vai ser recuperada pela classe mais explorada. O cristianismo diz: essa harmonia quebrada tem o seu ponto central na experiência do crucificado. O marxismo diz que todo o nosso projeto político está em direção à utopia comunista, que o cristia-

nismo chama de Reino de Deus. Reino de Deus, na Bíblia, não é algo lá em cima, é algo lá na frente.

E a gente fica pensando, porque será que Jesus morreu como prisioneiro político, falando de religião? Porque o jeito de Jesus falar de religião tinha uma incidência fortemente política. Falar de um outro reino que não é de César dentro do reino de César era a mesma coisa que se falar no Brasil, há uns dois anos atrás, de um outro regime que não aquele que estava aí. No tempo de Jesus não havia nem sequer essa separação didática entre religião e política, e Jesus fez política. A rede Globo, no Império Romano, era a religião paga, a veneração

a César como Augusto, através da ideologia. Como não tinha televisão, existia a religião. Então a Igreja tem ou não tem que fazer política? A CNBB critica a Nova República porque fez um projeto de reforma agrária que é pior do que o Estatuto da Terra do general Castello Branco, ou porque fez uma substituinte no lugar de uma Constituinte... Aí vem o arcebispo de Porto Alegre dizer que a CNBB não deve se meter em questões políticas. Acontece que, evangelicamente, não há como assumir uma postura religiosa pastoral sem uma forte incidência política.

Portanto eu acho que a fé cristã tem como horizonte o projeto socialista, acho que nosso encontro

com os marxistas se fará na prática. Acho também que, assim como há cristãos de direita e de esquerda, há comunista de direita e de esquerda. O partido Comunista Argentino nunca rompeu com a ditadura militar argentina, nunca foi ilegal durante todo o período da ditadura. Alguns dizem que são comunistas como se isso fosse atestado de alguma coisa. Isso não é atestado de nada. É a prática que vai definir realmente qual é o seu compromisso político e histórico. Acho que Cuba tem muito a ensinar para nós, não como modelo a ser copiado, mas como horizonte de possibilidades. Veja o que fizeram com o Brasil em 21 anos e o que fizeram com Cuba em 26. Lá não há nenhuma criança subnutrida. No Brasil morrem 83 em cada mil crianças, no Nordeste 130, em Cuba 15 e nos Estados Unidos 14, mas nenhuma morre em Cuba por subnutrição. A sociedade cubana conseguiu efetivamente erradicar a miséria, as classes sociais, a prostituição, as drogas e uma série de outros males. O bom cristão tem muita vergonha do tipo de sociedade que nós cristãos estamos ajudando a construir no Ocidente e diante da minha fé acho que Deus fala alguma coisa de novo a partir da experiência socialista.

“A religião, ao mesmo tempo em que jogou um papel de subserviência, de dominação e alienação, jogou também o papel de libertação, de resistência na América Latina”.

DEBATE

Mudança da sociedade se fará com ou sem a Igreja

ARQUIVO/CAMPUS



“Minha preocupação maior não é com a reforma da Igreja, é com a mudança da sociedade latino-americana, e ela se fará com a Igreja, sem a Igreja ou até mesmo contra a Igreja. Se eu tiver que escolher entre esse povo de Deus que está com fome e a vida interna da Igreja eu escolho o povo de Deus que está com fome”.

A diminuição do número de vocações religiosas é uma prova de que a Igreja é uma instituição que está ficando desacreditada. O surgimento dessas várias teologias não seria uma tentativa de adaptação da Igreja para sobreviver? E quem garante que a Teologia da Libertação não vai ser também adaptada pela burguesia?

Frel Betto — Bem, o risco de cooptação, sobretudo na Nova República, todos nós corremos. Agora, imaginar que por trás do surgimento da Teologia da Libertação a Igreja esteja fazendo algum plano de sobrevivência e supor que a Igreja seja formada por pessoas que possam estar acima da contradição de classes. Como sociologicamente eu constato que a Igreja é integrada por pessoas que participam das diferentes classes sociais, e que as contradições que existem na sociedade se refletem no interior da instituição, não posso atribuir à opção que a Igreja faz pelos pobres nenhuma tarefa conspirativa de sobrevivência, mesmo porque essa opção só traz pau em cima da gente. Você acha que por questão de garantia da perpetuação da Igreja eu fiquei quatro anos na cadeia? O que a Igreja tem hoje de mártires na América Latina, por força desta opção, só é com-

parável à Igreja primitiva. E será que a Igreja está desacreditada, com 150 mil comunidades eclesiais de base espalhadas por todo o Brasil, congregando mais de três milhões de pessoas? Será que a Igreja está desacreditada, quando só ela mantém uma vigilância crítica permanente ao governo brasileiro, coisa que nenhum partido faz? Quem conseguiu resistir ao medo do revanchismo? Quem foi apurar os crimes da ditadura militar? Porque o Estado foi criminoso mesmo e deve pagar por esses crimes. Porque o Estado não tem o direito de transpor a lei que ele mesmo elabora. O Estado não tem o direito de justificar o seu abuso com o argumento de que havia abuso do outro lado. Então eu acho que a Igreja pode estar desacreditada em algumas dioceses brasileiras porque como eu disse ela atravessa contradições. Tem muito padre e muito bispo fazendo o jogo da extrema direita. Eu não vou citar casos específicos por uma questão ética, mas tem muita gente achando que o Reagan vai salvar o mundo. E quanto à redução do número de vocações, do meu ponto de vista ela é até positiva, pois permite que os leigos assumam o seu papel na Igreja, perdendo a eterna condição de minoridade que sempre tiveram. O leigo sempre foi a ovelha a ser tosquiada pelo clero. Então, quanto menos padres, mais os leigos terão que assumir

funções na Igreja e eu espero ainda o dia em que as mulheres também sejam sacerdotes. Mas a minha preocupação maior não é com a Igreja, nem com a reforma da Igreja, a minha preocupação é com a mudança da sociedade latino-americana, e ela se fará com a Igreja, sem a Igreja ou até mesmo contra a Igreja. Do ponto de vista teológico, essa mudança se coloca acima de qualquer preocupação com a vida interna da Igreja. Eu acho que se eu tiver que escolher entre esse povo de Deus que está com fome e a vida interna da Igreja eu escolho o povo de Deus que está com fome.

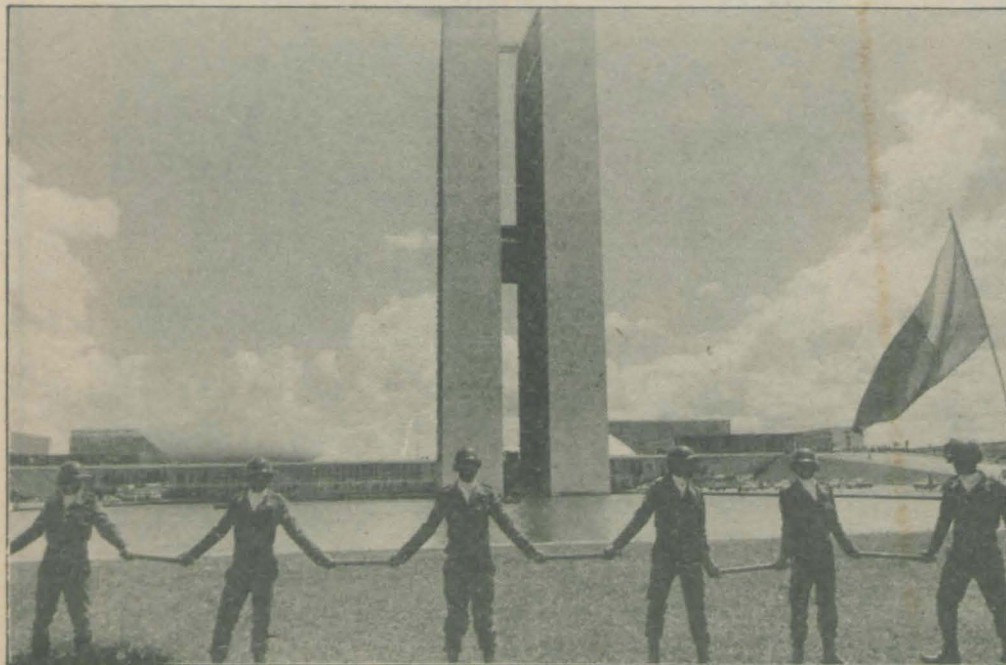
Segundo Leonardo Boff, o método teológico da Teologia da Libertação envolve a mediação sócio-analítica e a atividade pastoral. Na mediação sócio-analítica existe a análise da estrutura, colocando o pecado ao nível estrutural, ou seja, a estrutura seria responsável pelos males da sociedade. A partir disso, a Teologia da Libertação é crítica das outras teologias por se preocupar demais com a macro-ética, deixando de lado a micro-ética, o lado do indivíduo e a dimensão transcendente. Qual então o objetivo principal da religião?

Frel Betto — Em primeiro lugar eu discordo que a Teologia da Libertação considere que o pecado só está nas estruturas. Não, no

coração de cada um habita um Somoza, habita um Hitler, é só abrir a portinha que ele nasce. É muito fácil transferir para as estruturas a causa de todos os males e depois dar uma de liberal na rua e bater na mulher em casa, dar uma de comunista na rua e explorar a empregada doméstica em casa pagando até menos do que o salário mínimo. Esses exemplos que eu citei recebem um nome na teologia—pecado, porque em todos eles eu me escolho em detrimento dos outros, e isso gera estruturas. Mas por que a mudança de estruturas é talvez mais importante do que a conversão dos corações? Porque no Brasil, por exemplo, se eu quero te explorar, eu tenho toda uma estrutura a meu favor. Eu monto até um cassino, apesar das leis, se eu tiver uns pistoleiros e a cobertura de uma causa generosa. Já em Cuba, eu posso querer te explorar, mas fico no meu querer porque as estruturas impedem. Quer dizer, o socialismo não tira o pecado do nosso coração, mas evita que ele tenha uma ingerência política, social e estrutural. Quando eu estou em Cuba eu me sinto muito menos influenciado pelas ocasiões de pecado do que quando eu me encontro no Brasil. Quer dizer, é muito mais fácil eu ser cristão em Cuba do que no Brasil. Em segundo lugar, o cristianismo não é uma moral nem é uma ética, é uma experiência de amor com Deus. Não adianta eu

ficar aqui fazendo grandes discursos se eu acho que basta isso, o cristianismo é uma experiência de amor com Deus que é mais forte na gente, daí a fé. Eu não tenho fé por um esforço intelectual, eu tenho fé por ter uma experiência de vida que me levou à experiência da fé. Porém o cristianismo, assim como o marxismo, tem uma ética, que antes de ser cristã ou marxista é humana. É a ética do direito fundamental da igualdade de todas as pessoas. Quando eu começo a me arvorar no direito de ser juiz dos outros, quando eu começo a achar que a minha verdade tem mais valor do que a verdade dos outros, quando eu começo, por exemplo, a dizer “tortura nunca mais” mas se eu estivesse no poder torturaria os antigos torturadores, aí estou fazendo o jogo do inimigo. Porque eu acho que nós temos que ter princípios éticos absolutos e perenes, como jamais admitir a tortura, jamais admitir que as pessoas passem fome, jamais admitir que as pessoas vivam em situações indignas. Esses são princípios éticos humanos, não precisamos recorrer à teologia ou ao marxismo para entender isso. Agora, quando se vive numa sociedade tão pré-histórica, tão pré-humana como a brasileira, onde a maioria das pessoas não consegue resolver nem as suas necessidades animais, de comer, de vestir, de abrigar-se, então é preciso insistir muito nessa questão.

“A História nunca foi estudada pela ótica do oprimido”



“A luta armada não foi um erro, foi a única luta possível naquele momento, e nós fomos derrotados porque não tínhamos o essencial, apoio popular. Hoje eu prefiro correr o risco de errar com a classe trabalhadora do que ter a pretensão de acertar sem ela”.



Marcelo Feijó

Qual o trabalho prático que os progressistas fazem na organização do movimento revolucionário?

Frei Betto — Bem, pelo menos no Brasil, que eu saiba, ninguém está preparando nenhum movimento revolucionário. Não é tempo disso. Eu acho que hoje nós temos que lutar para ampliar os espaços democráticos numa perspectiva popular. Fazer trabalho clandestino no Brasil hoje além de ser loucura é um tremendo equívoco político. E pensar que vai haver uma revolução em 86 também é miopia política. O trabalho que essa área da Igreja faz é um trabalho de compromisso popular, ou seja, de fortalecer o movimento popular. Eu participei da experiência da luta armada, nascida na universidade brasileira nos anos 60. Outro dia ouvi um depoimento do Gabeira dizendo que a nossa luta foi um erro, porque com revólveres velhos nós pretendíamos derrubar o mais poderoso exército do terceiro mundo. Eu discordo do Gabeira. Primeiro, porque a luta não foi um erro, foi a única luta possível naquele momento. Quem não lutou ficou na arquibancada assistindo, porque não havia nenhuma outra proposta. Segundo, nós fomos derrotados porque os revólveres eram velhos ou porque o exército era pobre,

mas porque nós não tínhamos o essencial: apoio popular. O Vietnã tinha e venceu o exército mais poderoso da história do mundo, assim como a Nicarágua está resistindo a ele. Hoje eu prefiro correr o risco de errar com a classe trabalhadora do que ter a pretensão de acertar sem ela.

Qual a situação da Igreja que nasce e caminha com o povo nos países socialistas?

Frei Betto — Eu só conheço um país socialista, que é Cuba, e sei de uma Igreja que caminha com o povo em um outro país socialista, que é a Polônia. Ao contrário da desinformação que a imprensa burguesa nos impinge, existem centenas de católicos poloneses que são membros do Partido Comunista Polonês. Mas nos países socialistas de tradição marxista, quando se deu a Revolução, a Igreja estava muito aliada à burguesia, ao antigo regime, e portanto houve um conflito Estado x Igreja não em razão da fé professada pela Igreja, mas em razão do compromisso político da Igreja com o antigo projeto burguês. Isso criou muitas dificuldades. Não se pode falar em Cuba, por exemplo, de uma Igreja que caminha com o povo. Mesmo porque, ao contrário da maioria dos países da América Latina, Cuba não é um país de tradição popular cristã.

No caso de Cuba predominou o candomblé, que é a religião popu-

lar cubana. A Igreja católica era uma Igreja franquista, de padres espanhóis super-reacionários vinculada aos usineiros.

Há cinco anos é que se dá um processo muito promissor de reaproximação entre Igreja e Estado em Cuba. Tanto há interesse do Estado de inserção progressiva dos cristãos na construção do socialismo cubano como a Igreja Católica em Cuba já concluiu que não há volta para o capitalismo, que ele tem que ser um fator de evangelização dentro do projeto socialista.

O processo socialista em andamento em Cuba redime aqueles que pereceram na ditadura de Batista? Qual a idéia de redenção da História que se segue à Teologia da Libertação?

Frei Betto — Eu acho que a História é redimida na medida em que ela é relida não mais pela ótica do opressor mas pela ótica do oprimido. Toda a concepção de História que nós temos no Brasil é uma concepção pela ótica do opressor. Eu poderia dar muitos exemplos disso, vou dar um clássico: o dos bandeirantes paulistas. Nós sempre ouvimos referências a eles como desbravadores do sertão, pioneiros da entrada do Brasil do litoral para o interior, etc. Nós não lemos nenhum livro na escola que contasse a história dos bandeirantes pela ótica, dos índios. Os bandeirantes pau-

listas nada mais eram do que a versão barroca do esquadrão da morte rural, cuja função principal era caçar os índios no interior do Brasil para trazê-los como escravos para as lavouras de café de São Paulo. E eles ainda aproveitavam e saqueavam as tribos. Só o Raposo Tavares tem cerca de 40 mil mortes nas costas. E quem é que aprendeu isto nos bancos escolares do Brasil? Toda a versão da nossa própria história é uma versão do branco, é uma versão do opressor. Cuba está recuperando sua verdadeira História. Redime a História na medida em que coloca a História nos seus verdadeiros termos. No Brasil nós temos uma desmemorização histórica. Nós sabemos muito mais das viagens de Marco Polo do que da Coluna Prestes. Nós conhecemos muito mais a Revolução Francesa do que a Revolução da Cabanada, dos Alfalates, da Conspiração Mineira, do Contestado, do Antônio Conselheiro. E guardamos até a idéia de que neste país nunca correu sangue, quando em poucos países do mundo correu tanto sangue de índio e de escravo quanto no Brasil. Então, a classe dominante aqui está de parabéns, porque com rara habilidade consegue perpetuar o seu poder, até criando um grande sofisma político chamado Nova República, para dar a impressão de que aquilo que havia antes era a Velha, quando era ditadura militar mes-

mo. Então eu acho que nos países socialistas se redime a História porque desde os bancos escolares as crianças aprendem a versão dos oprimidos. Um garoto de 12, 13 anos em Cuba, por exemplo, sabe quem é Pinochet, quem é Botha, quem é Reagan, pergunta pelos militares brasileiros, é impressionante. E isso é questão de teoria de comunicação, não é nem uma questão política. A comunicação no capitalismo se faz pela descontextualização. Existem livros de teoria nos Estados Unidos sobre isso. Quanto mais você descontextualizar o ouvinte, o telespectador, melhor para o sistema. A comunicação num país socialista se faz pela contextualização. Você não dá uma notícia separada do contexto, você situa o telespectador dentro do contexto da notícia, para que ele recupere a memória da notícia e saiba localizá-la. No Brasil não, é aquele ping-pong da Globo: uma notícia trágica, uma amena, e fica lá o locutor alternando expressões alegres e tristes, fazendo aquele papel de boneco. E o noticiário sempre tem que terminar com uma notícia alegre, o Cid Moreira dá um sorriso e ficamos a noite inteira felizes da vida. Esta é uma técnica que tem um componente ideológico, nada é neutro. A gente pode não saber qual é o artifício que está por trás, mas não existe neutralidade, sobretudo em comunicação de massa.

Estrutura de Brasília será adaptada para locomoção dos Deficientes

DENISE SA

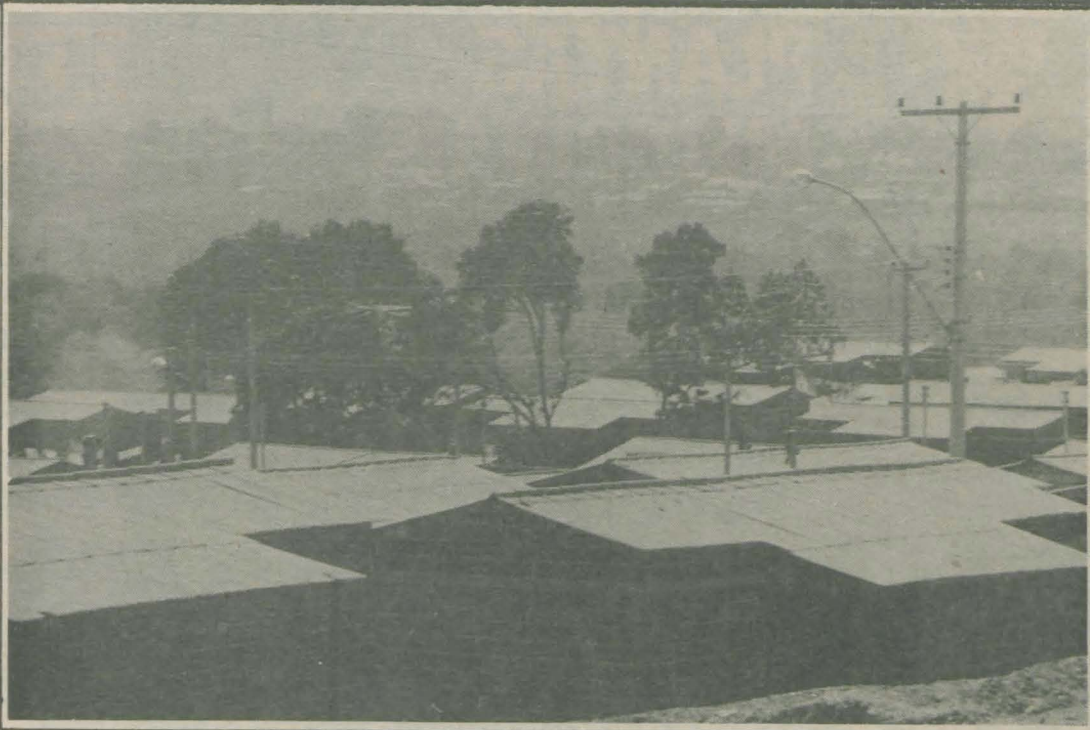
"Nosso País tem um contingente de mutilados semelhante ao de uma nação que enfrentou uma guerra mundial e é necessário que nos posicionemos sobre isso, buscando soluções imediatas". A informação é do Presidente da EBTU — Empresa Brasileira de Transportes Urbanos, Telmo Magadan, que vem elaborando estudos com a Associação dos Deficientes Físicos do Distrito Federal para rebaixamento de meios-fios e construção de rampas e passarelas em diversos pontos do DF, o que vai transformar Brasília numa cidade modelo quanto ao acesso de deficientes físicos em transporte público.

Para executar esses trabalhos, a Associação de Deficientes Físicos do DF assinou um convênio de 300 milhões de cruzeiros com a EBTU e a Secretaria de Viação e Obras do Distrito Federal. O projeto prevê a criação de rotas de acesso, vias especiais para deficientes, que serão construídas em fevereiro de 86 na parte central de Brasília: Rodoviária, Setor Comercial Sul e Norte, Setor Bancário, Setor de Autarquias, Diversões e ainda no Setor Hospitalar. "São na maioria áreas comerciais que atualmente apresentam dificuldades de locomoção para as pessoas que andam de cadeiras de rodas", explicou o Presidente da Associação dos Deficientes Físicos do DF, Benício Tavares.

Para Tavares, esses acessos, somados ao elevador inaugurado recentemente na Rodoviária e ao projeto de modificação das entradas e saídas de ônibus, que vem sendo desenvolvido pela EBTU, vão possibilitar um avanço na luta dos deficientes físicos pelo seu espaço: "Este é um marco importante para os deficientes de todo o País, porque depois de concluído o projeto piloto de Brasília, o Programa será estendido para todo o território nacional". Benício Tavares disse ainda que outros projetos deverão ser desenvolvidos por um grupo de trabalho formado por técnicos da EBTU e integrantes da Associação. Já Telmo Magadan, diz que esta não é uma tarefa fácil. É necessário que haja uma integração muito grande para que o Programa vá adiante.

Apesar das dificuldades, o Programa vai continuar. Pelo menos é o que assegurou o Presidente da EBTU, que inclusive pretende adotar na Empresa um sistema de consulta às associações desse tipo sobre a expansão e administração dos transportes públicos nas grandes cidades.

Candangolândia



NICOLAU EL-MOOR

Política habitacional em cheque

MARIA CACILDA BENEVIDES
NICOLAU EL-MOOR

Há duas edições, o Campus começou a contar a história do Projeto Candangolândia. Nessa primeira matéria nos preocupamos em mostrar um pouco do drama das famílias para lá transferidas, além de uma pequena apresentação de como o projeto foi implantado. Neste número, vamos contar como foi essa implantação. Cabendo antes de tudo uma correção: No segundo parágrafo, que fala da iniciativa do GDF de fixar setores excedentes, citamos que à firma ENGEVIX SA coube a elaboração do projeto e a construção das casas, sendo que, ela foi responsável apenas pela criação do projeto. A construção das casas ficou a cargo de empreiteiras contratadas pela SHIS.

Ao pensarmos na situação dos moradores da Candangolândia (casas pequenas e inseguras, ruas inundadas, erosão, sistema sanitário precário, transporte e etc.), nos perguntamos sobre quem poderia ser responsabilizado por tantos problemas. A resposta dessa questão possivelmente seria encontrada na elaboração, estruturação e construção do projeto. Seguindo esse raciocínio restava-nos ouvir os executores do assentamento.

Duas secretarias do GDF foram envolvidas nesse processo: a de Serviço Social e a de Viação e Obras. Após o Governo resolver-se pela transferência das invasões, seguiram as seguintes fases: cadastramento (SHIS), elaboração do projeto (Engevix S/A), locação do projeto (equipe de topografia da TER-RACAP), abertura das vias (NOVACAP), implantação das redes de água e iluminação (CAESB e CEB), encasilhamento da área de construção (NOVACAP), demarcação dos lotes (TER-RACAP), licitação para a construção (SHIS), construção (empreiteiras contratadas) e transferência das famílias (SHIS). Foi questionado se houve negligência por parte dos órgãos envolvidos e partimos em busca de respostas.

Na elaboração do projeto, coube a Engevix conceber um sistema habitacional para moradores de baixa renda. Contando com uma área relativamente pequena para o número de pessoas, optou-se por lotes urbanizados de 120 metros quadrados, com água, luz e es-



Ao lado do confortável Lago Sul, a comunidade da Candangolândia permanece desassistida.

NICOLAU EL-MOOR

goto, onde os proprietários construíram suas residências na medida do possível, partindo de seus barracos de origem; além de várias áreas livres para convívio da comunidade. O projeto sofreu várias críticas. O próprio arquiteto Sérgio Parada, responsável pelo projeto afirmou: "... Se eu soubesse que a intenção do Governo era construir aquele enorme "pombal" eu repensaria alguns aspectos". Mas teria sido esse projeto a base de todos os problemas?

Os moradores das chácaras, dos acampamentos e das invasões não foram propriamente cadastrados. O que serviu como cadastramento foi um estudo da área geoeconômica do Núcleo Bandeirantes, feito pelo GEPAFI (Grupo Especial para Assentamento de Favelas e Invasões), órgão da SHIS. O projeto não previa o assentamento dos chacareiros, que não foram transferidos para a Candangolândia.

Na época da mudança, o GEPAFI fez uma checagem para eliminar a defasagem de dados: famílias inteiras haviam chegado, saído e algumas se formaram. A exemplo de filhos de moradores que casaram a partir de julho de 83 (quando foi concluído o estudo) e continuavam morando com os pais. Ou mesmo, solteiros que tiveram filhos, eram independentes, mas não podiam pagar um aluguel. Tais casos foram considerados como sendo uma outra e nova família.

Mas o cadastramento foi só uma das fases da implantação do projeto, que

começou com duas licitações. A primeira foi anulada porque o Governo achou os preços cobrados demasiadamente altos. Na segunda, ganharam as empreiteiras Estacom, Caemge e Ebeg. Mediante acordo com o governo Ornelas, as firmas entraram nos canteiros um mês antes de assinados os contratos, para que pudessem concluir as obras no prazo previsto, 75 dias úteis. A partir do segundo mês é que, assinados os contratos, as obras começaram a ser fiscalizadas. Mas o GEPAFI, responsável direto por tal fiscalização, considera que as construtoras trabalharam dentro de todas as especificações técnicas exigidas. Por exemplo, o fato das telhas e paredes terem caído foi devido a ventos muito fortes, comuns naquela área. Como o conjunto habitacional foi planejado para uma faixa populacional carente, que não poderia pagar mensalidades superiores a 10% do salário mínimo, os materiais usados foram baratos, o que implica numa falta de qualidade.

Existiu toda uma conjuntura política envolvendo a execução do assentamento, onde ninguém se responsabiliza diretamente pelas falhas. É óbvio que, sendo o Governo o planejador, executor e implementador do projeto, poderia ter reavaliado todos os fatores. Mas em final de gestão, o importante fica sendo mostrar obras, inaugurá-las. As boas intenções acabam se perdendo na teia de interesses, na mesma rede que imobiliza a integração dos diversos órgãos envolvidos e a criação de uma política habitacional coerente.

CECILIA MARIA

PLANTAS MEDICINAIS

Alternativa eficaz produzida na UnB

JOYCE RUSSI
ROSANI APARECIDA

Com o alto custo dos medicamentos alopáticos e a divulgação de seus efeitos colaterais, a população retorna ao uso das plantas medicinais como alternativa mais barata e eficaz. Na Fazenda Água Limpa da UnB, o professor Jean Kleber de Abreu Mattos, do Departamento de Engenharia Agrônômica, desenvolve um trabalho sobre o cultivo e identificação dessas plantas.

Esse projeto vem sendo desenvolvido há cerca de cinco anos, com recursos provenientes da UnB e CNPq, e conta também com o apoio indireto da Embrapa e da CEME, Central de Medicamentos. A plantação da FAL consiste em plantas nativas do cerrado, além de espécies de todo o Brasil e de outros países. O professor Jean Kleber diz ter começado seu projeto ao perceber que no Brasil não havia muitos trabalhos científicos a respeito. Em sua opinião, "a universidade deve refletir a cultura do povo, e sendo as plantas medicinais um componente muito forte dessa cultura, é natural que a universidade se dedique a esse estudo."

Como o Brasil é um grande importador de muitos produtos obtidos de plantas medicinais, essa dependência diminuiria caso houvesse mais projetos como este, pois os produtos poderiam ser fornecidos por espécies aqui existentes. Para que

CECILIA MARIA

isso ocorra são necessários maiores incentivos às pesquisas deste tipo.

Neste sentido, o CNPq possui um projeto denominado Projeto Flora, que serve como suporte técnico e científico aos pesquisadores do assunto pela catalogação de informações em bancos de dados sobre ervas e plantas de interesse medicinal existentes no país.

A importância da coleção consiste, entre outras, no seu interesse farmacológico. Um exemplo disso é o cultivo de uma planta africana, cuja muda foi oferecida por um professor de farmacologia, usada para matar o caramujo hospedeiro do *Shistosoma Mansonii*. A planta foi entregue para investigar se ela se aclimatava bem no Brasil e ela se aclimatou maravilhosamente, produzindo frutos que possuem a substância que mata o caramujo. Os frutos citados por Jean Kleber estão sendo produzidos em grande quantidade e até agora têm dado resposta positiva nos testes.

Atualmente, no Distrito Federal, vêm sendo implantados projetos que visam o uso da medicina herbariana, em Planaltina e Brasília, e medicina natural na Ceilândia. Esses projetos têm sido bem recebidos tanto pela área médica como pela comunidade. Aliás, explica o professor, "no caso da Ceilândia a solicitação de que um projeto desse tipo fosse implantado partiu da própria comunidade. A proliferação de tais projetos deve-se não apenas aos altos

preços dos medicamentos alopáticos, como também a uma coisa que está sendo muito alardeada, que são os efeitos colaterais provocados por esse tipo de medicamento. Entretanto, é preciso deixar claro que também existem ervas venenosas em certas dosagens, mas, se usadas de maneira correta, o risco é bem menor que em outros medicamentos. Outro perigo no uso de ervas, que o professor Jean Kleber faz questão de lembrar, refere-se às plantas semelhantes. Um exemplo muito comum é a dedaleira, que se parece muito com o confrei, só que, ao contrário deste, que possui propriedades inclusive alimentícias, a dedaleira, se ingerida em grandes doses, pode provocar problemas no aparelho cardiovascular, levando ao infarto.

A plantação de ervas medicinais na FAL, não tem importância apenas por seu interesse farmacológico, ela também vem sendo utilizada por alunos do Departamento de Agronomia, que lá realizam seu estágio supervisionado. Nesse ponto é que, segundo o professor Jean Kleber, surgem alguns problemas. Para ele, a principal carência deste projeto é a falta de mais professores, já que ele é o único envolvido, para oferecer uma orientação melhor aos alunos e também para que haja muito mais pesquisas. "Existe muita tarefa, para pouca gente. O grande problema são os recursos humanos, já que verba sempre falta mas também é superável, graças aos convênios. Nós gostaríamos que houvesse uma maior integração com outros departamentos como Química e Nutrição. Infelizmente esses contatos ainda não foram estabelecidos".

ALERTA:
a dedaleira,
semelhante ao
confrei, se ingerida
pode levar ao
enfarto.



Depois de ter exportado borracha, o Brasil se viu na condição de simples importador, produzindo apenas metade do que consome. Agora o problema pode ser solucionado como o projeto dos seringais de cultivo, desenvolvido pela Embrapa.

Plantar borracha: solução para o país

SHIRLENE COSTA

A demanda de borracha natural do Brasil está em torno de 80 mil toneladas, mas somente metade do consumo é produzido no país. Segundo José Carlos Nascimento, assessor técnico do Departamento de Pesquisa e Produção da EMBRAPA-DF, "a área de seringueiro nativo é a própria floresta, onde o Acre tem maior concentração de árvores e participa com 80% a 85% da produção brasileira de borracha. Mas para suprir a demanda interna é necessária a implantação de seringais de cultivo".

Seringal de cultivo "é uma plantação racional de seringueiras, concentrando em cada hectare aproximadamente 440 árvores, que podem ser sangradas por dois homens, em um dia, enquanto que no seringueiro nativo, devido à irregularidade das árvores (três por hectares), estes mesmos homens demorariam um mês para fazer o corte em igual quantidade de seringueiras".

De acordo com José Carlos, "para extrair o látex, os seringueiros levantam bem cedo e sangram as árvores de sua colocação, local onde estão situadas suas casas, depositando embaixo dos cortes vasilhas para a coleta do leite. No final da tarde eles retornam ao local e recolhem o látex que foi acumulado durante o dia, numa técnica bastante rudimentar". Para racionalizar o tempo do seringueiro, atualmente é usado o ácido acético, que faz com que o látex coagule mais rápido. Assim, ele não precisa voltar ao lugar da extração no mesmo dia, empregando seu tempo em outras atividades de subsistência.

Hoje, a política de seringais de cultivo está voltada para o pequeno e médio produtor, não somente pela questão social de fixar o homem à terra, mas porque a exploração de árvores através de mão-de-obra familiar e de pequenos grupos é feita com mais dedicação. A sangria é conduzida com cuidado e segurança, devido ao envolvimento do homem com a terra. Nas grandes empresas, os empregados trabalham porque precisam do salário e nem sempre realizam o serviço adequadamente, gerando a morte precoce da seringueira.

Para desenvolver projetos na área, a EMBRAPA criou o Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê (CNPSD), com sede em Manaus. Este Centro tem obtido resultados bastante significativos em vários campos do conhecimen-

to da heveicultura, com destaque no processo de produção de mudas, adubação, aplicação de herbicidas, controle de ervas daninhas e doenças.

Do ponto de vista fito-sanitário, o seringal de cultivo cria condições favoráveis para a disseminação de doenças, porque são plantas uniformes, geneticamente iguais. O trabalho mais importante para o seu sucesso é a pesquisa de plantas mais resistentes, pouco vulneráveis às pragas e mais produtivas.

Através de pesquisas de implantação de seringais fora da Região Amazônica, observou-se que o habitat natural da planta nem sempre é o mais favorável. Lá, devido à umidade, o índice de doenças causadas por fungos é bastante elevado. Conforme José Carlos, "se partimos para regiões menos úmidas, como a Bahia e Mato Grosso, as condições climáticas e de solo são bem mais favoráveis que na Região do Acre e Rondônia, estando as plantas menos sujeitas às doenças. Na Malásia e Indonésia, os dois maiores produtores de borracha natural do mundo, o clima é completamente diferente da Região Amazônica".

As maiores áreas de seringal de cultivo no Brasil são Bahia, Mato Grosso e Pará. No entanto, existem projetos em plena atividade em São Paulo e Minas Gerais. Estes dois estados têm grandes perspectivas de se tornarem os maiores produtores do país, desativando, a longo prazo, os seringais nativos da Região Amazônica. São áreas de industrialização, o que torna a exploração mais viável economicamente.

Para José Carlos, "se a política de implantação de seringais continuar do mesmo modo, com juros exorbitantes, iremos depender dos seringais nativos por muito tempo, embora sua produção não supra a demanda interna. A seringueira não é como a soja, o milho, o arroz, em que o plantio e a colheita são feitos a curto prazo. Ela, nas condições normais, demora sete a oito anos para produzir, mas a produção só se intensifica quando a árvore atinge 12 anos".

O Brasil até 1951, exportava borracha natural, extraída de seringais nativos. O consumo interno aumentou e não foram tomadas medidas de implemento à produção. Passamos a importar borracha, situação que permanece até hoje. Para José Carlos, só há uma solução: "A alternativa brasileira é partir para o seringal de cultivo".

“

Apesar de existir apenas cerca de 13 máquinas de hemodiálise em Brasília, o que é inconcebível numa cidade com aproximadamente 1 milhão e meio de habitantes, os transplantes estão acontecendo numa média de um a cada 40 dias com bastante sucesso

”

Dr. Iratã da Silva Rodrigues, Chefe da Nefrologia do HFA

Na máquina, a vida está por um fio

CLAUTENES DELENE
ROSANI APARECIDA
FRUTUOSO

Passar cerca de três ou quatro horas numa cama, duas ou três vezes por semana, é agradável quando isso ocorre para um descanso. Mas esse não é o caso das pessoas que fazem hemodiálise. Elas passam anos nesse ritual, esperando um doador de rim.

O processo da hemodiálise consiste, basicamente, na retirada do sangue do paciente pela veia arterial, sua filtração por uma máquina, e posterior volta ao corpo pela veia venosa. Existe outro processo de diálise; a diálise peritoneal, em que se introduz uma solução no peritônio, e após quatro horas retira-se e introduz-se nova solução. Quando é feita no hospital,

dependendo do estado do paciente, o intervalo de tempo é de 12 em 12 horas ou de 24 em 24 horas. Quando é feita em casa, tomando o nome de Diálise Peritoneal Ambulatorial Contínua — CAPD, o próprio paciente introduz e retira a solução de quatro em quatro horas, diariamente. Apesar de seu alto custo, a hemodiálise é preferida tanto pelos médicos como pelos pacientes, pois a diálise peritoneal leva ao perigo de peritonite (inflamação do peritônio) e ao desgaste excessivo do paciente.

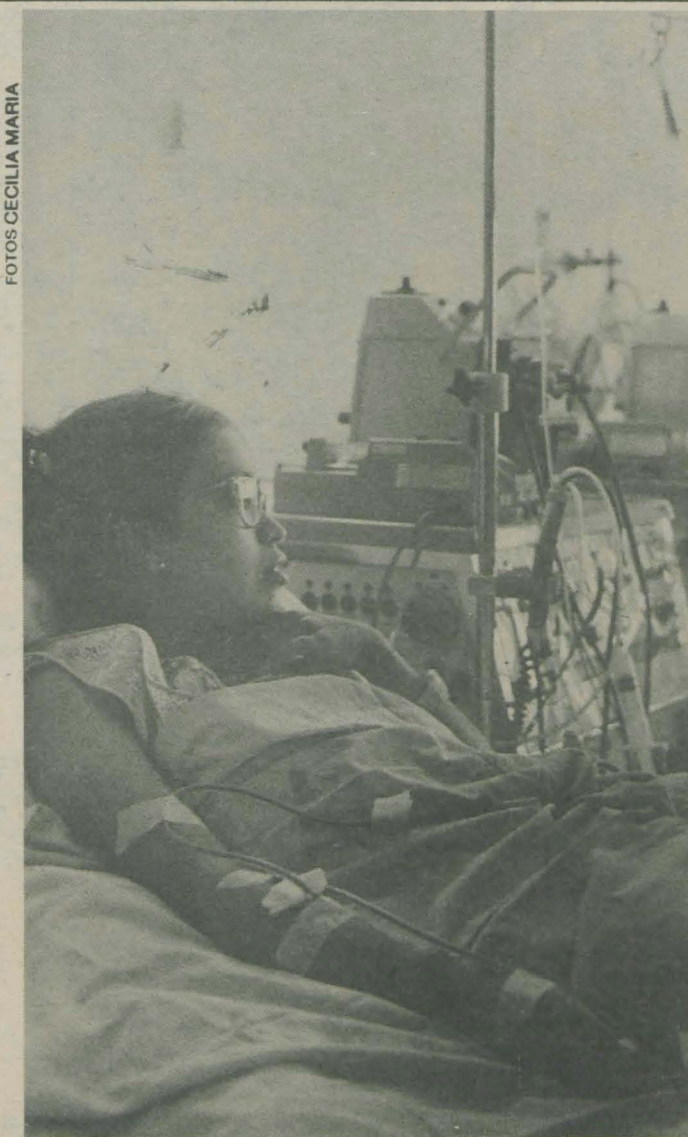
Uma primeira hemodiálise custa em torno de três milhões de cruzeiros. O barateamento dos custos é feito através do sistema de reuso do material, que consiste na lavagem do diali-

sador com água ionizada e formol. Ao invés de ser utilizado o descartável, como deveria ser, ele é reutilizado numa média de 8 vezes. O Hospital das Forças Armadas está implantando, pioneiramente, uma estação de tratamento de água para reuso, que permitirá a reutilização do dialisador cerca de 20 vezes, reduzindo ainda mais os custos.

A pessoa que passa muito tempo fazendo hemodiálise pode ter seus outros órgãos debilitados, em função de uma subdialização e/ou de uma avaliação nutricional mal feita. Para resolver esses problemas, atualmente, usa-se o computador que através da análise bioquímica do paciente programa o número de vezes que o mesmo pre-

cisa fazer hemodiálise. Na análise nutricional computadorizada, os dados alimentares do paciente são fornecidos ao computador que programa a sua dieta ideal.

Durante o tratamento, o paciente é acompanhado psicologicamente devido à sua doença em si e a aceitação da dependência da máquina. Ele passa, primeiramente, pela fase da ansiedade, quando pensa que o tratamento será sua salvação. Depois de algum tempo, vai desanimando, e entra em processo de acomodação que o leva à pior das fases, a da depressão, quando começa a reagir contra os seus parentes, médicos, enfermeiros e ao próprio tratamento. Sua única e verdadeira salvação é o transplante renal.



FOTOS CECILIA MARIA

Transplante, o roteiro difícil da sobrevivência

“É necessário que as pessoas se conscientizem que doando seu rim, não terá a sua saúde prejudicada, pois como disse uma vez o professor Brenner, considerado um dos grandes nefrologistas: “Temos dois rins, e a natureza foi sábia nos dando tanto. Mas não precisamos de tantos glomérulos (filtradores), cerca de dois mil quando apenas com a metade vivemos bem”, foi o que disse o Dr. Iratã da Silva Rodrigues, Chefe da Nefrologia do HFA.

Quando vivas, as pessoas não doam seu rim por medo, e após a morte a família, presa a motivos religiosos, impede a extirpação. Segundo o Dr. Iratã, o recente pronunciamento do Papa João Paulo II, a respeito do doente ter direito ao descanso quando em morte cerebral, ajudará a aumentar as doações pós-morte, pois nesses casos, após ter sido constatada a morte por um neurologista, de preferência de outra instituição médica, mantém-se as funções vitais do doente, e comunica-se ao paciente que está em via de transplantação. Depois que a pessoa morre, a perfusão renal (passagem artificial de líquido através de rim) se dá até uma hora ou uma hora e meia, ficando o rim dentro de uma substância especial, congelada a menos quatro graus centígrados. No caso comum de pacientes residentes em Brasília, com inscrição para rins de cadáver em outros Estados, o processo acontece da seguinte maneira: é feita a tipagem do doador em potencial, que está em morte cerebral, e chama-se o receptor antes da morte.

As nefropatias que levam a um transplante são a insuficiência renal crônica, a glomeropatia e as doenças policísticas. Uma nefropatia que está surgindo como uma forte concorrente das anteriormente citadas é a nefropatia diabética. Antigamente, o diabético não transplantava. Hoje, já se fazem transplantes precoces em diabéticos, o que lhes permite uma boa sobrevida, pois até que a doença-base reincida no rim transplantado, o paciente já teve um bom período de sobrevida, numa média de 10 anos. O doador ideal é aquele que tem compatibilidade de sangue, do sistema ABO e HLA com o receptor. Não é importante a compatibilidade do fator Rh.

CAMPANHA

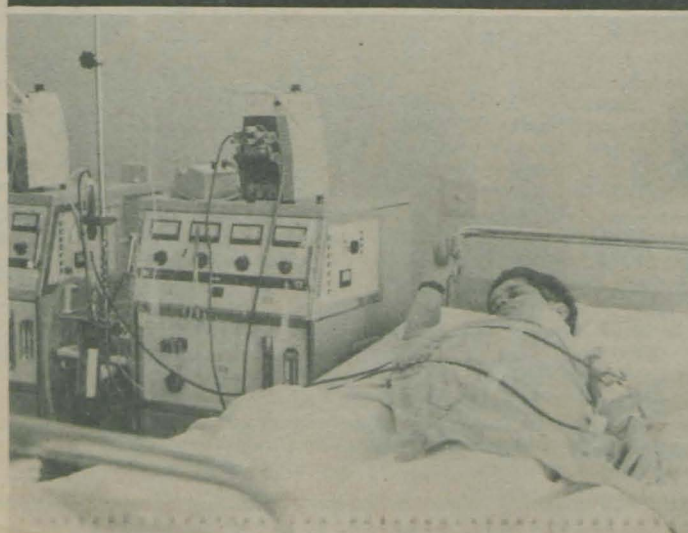
Está-se tentando veicular uma campanha, particular, através dos meios de comunicação em todos os Estados com centros de diálises. Ela teve origem no Paraná, com o Dr. Riela, que está tentando motivar, através de filmes, panfletos e palestras, as pessoas a doarem seu rim. O Paraná está despontando como um dos grandes centros de transplantes renais do País. Lá eles já usam, em fase experimental, a nova droga Ciclosporina contra a rejeição, pois após o transplante, o paciente passa a tomar uma série de medicamentos para a manutenção do rim transplantado. Essa nova droga diminui sensivelmente o nível de rejeição, porém, devido a seu elevado preço, ainda não foi difundida no País, esperando-se o possível barateamento do seu custo.

Para o Dr. Iratã, além da campanha para o aumento de doações, é necessário fazer-se uma outra para a redução dos custos das diálises, pois só assim se poderá ter mais centros de diálises no Brasil, já que as estatísticas de renais crônicos é altíssima, por volta de 100 por ano em cada 1 milhão de habitantes.

Um outro empecilho para o transplante renal no Brasil é a lei nº 4.280 de novembro de 63, que trata da extirpação de órgãos de cadáveres. A lei só permite a extirpação caso o falecido tenha deixado autorização por escrito ou que não haja oposição por parte dos parentes mais próximos. Um outro ponto que restringe ainda mais a situação é o fato de só ser permitida uma extirpação em cada cadáver, ou seja, essa lei já não se enquadra mais à realidade atual.

SITUAÇÃO EM BRASÍLIA

Atualmente, em Brasília, há somente um centro de transplante. Não há um banco para doação de rins, como o de doação de olhos. O único local onde se realizam transplantes renais é o Hospital de Base, sendo que não faz transplante com doador cadáver, pois é necessário um imunologista a tempo, e Brasília só tem um. A não ser que a pessoa já tenha doado em vida, e a tipagem tenha sido feita a tempo. O HFA está agilizandando um centro de transplantes, pois um bom centro de diálise tem que ter um para poder dar continuidade ao serviço.



Anatolle France (foto), 22 anos, um paciente que já passou por quase todas as situações que envolvem a insuficiência renal crônica, afirma que depois de 11 anos de convivência com a doença, só não consegue entender o porquê das pessoas serem tão egoístas a ponto de se negarem a doar seu rim de maneira espontânea, e quando se vêem em situação financeira precária, venderem, hipocritamente, seu órgão, esquecendo que a grande maioria das pessoas que realmente necessita de um órgão não tem condição de comprá-lo, muitas vezes levando a sua família, em desespero, a fazer sacrifícios que trazem sérias consequências.

“Eu acho que o Governo poderia dar mais apoio à causa dos doentes que necessitam de transplante, começando pela mudança da lei que regulamenta a doação de órgãos, e se juntando à campanha do Dr. Riela, o que facilitaria uma maior penetração da mesma junto à população”, desabafou Anatolle.

"CYNTHIA ROSA"



Geralmente, a produção local é colocada em segundo plano.

Procura-se uma TV a serviço de Brasília

SUZY SOBRAL

Dentro de poucos meses, Brasília contará com seis emissoras de televisão: a TV Bandeirantes e o SBT estão mudando de malas e culas para a cidade. "Essa cidade é pequena demais para nós seis". Será? Até o presente momento, a produção voltada para a comunidade e aqui realizada não condiz com a quantidade de emissoras, e a entrada no mercado de mais duas redes não promete grandes mudanças.

Um dos grandes obstáculos que, limita o desenvolvimento da produção local de televisão, é que Brasília é o centro do poder político do país. Essa grande bandeira que a cidade carrega praticamente restringe a produção ao telejornalismo. Na opinião de Walter Oliveira, coordenador de produção da TV Nacional, Brasília possui um campo muito fértil, culturalmente falando. Entretanto, existe uma grande deficiência em termos de equipamentos.

A emissora possui sete câmeras para suprir as necessidades de três programas de estúdio e o telejornalismo. Considerando que a política nacional é pauta prioritária, é com grande dificuldade que estes programas são realizados, e as possibilidades de novas produções ou o desenvolvimento do jornalismo local são automaticamente excluídas. A falta de equipamentos é uma síndrome que ataca quase todas as emissoras de televisão de Brasília.

A Rede Globo de Televisão não contaria com esse tipo de dificuldade se houvesse um maior interesse em relação à cidade. Mas por se tratar de uma rede, o canal 10 está com os seus equipamentos totalmente voltados para o telejornalismo, e como não é muita coisa, o noticiário local fica novamente num segundo plano.

O convívio com uma rede às vezes é muito mais interessante do que fazer parte desta rede. E o caso da TV Brasília, que desde julho deste ano divide o seu espaço com a Rede Manchete, sem com isso perder as suas características locais. A TV Brasília se

comprometeu a passar parte da programação da rede, em troca de uma porcentagem da publicidade a nível nacional. Uma das vantagens desse sistema consiste no fato de que a TV Brasília deve apresentar um certo padrão de qualidade, para diminuir a disparidade entre a programação local e a da Manchete. Um exemplo disso foi o trato dado aos cenários do *Carrossel*, programa infantil produzido pela TV Brasília, para evitar grandes contrastes com o programa da Xuxa. Outra vantagem desse sistema é a divisão da cobertura jornalística: cabe à Manchete cobrir o noticiário nacional, aliviando a equipe da TV Brasília que se limita ao noticiário local. Segundo o chefe de jornalismo da TV Brasília, Edson Hermes, esta divisão beneficia o jornalismo local, que geralmente é colocado em segundo plano, e a TV pode assim concentrar seus equipamentos na produção local.

Produção local não significa necessariamente a produção das emissoras. Cada vez mais as grandes redes de TV do Brasil e do mundo compram programas reduzidos por produtores independentes, e este é um sistema que começa a ser implantado em Brasília também. Walter Oliveira, da TV Nacional, pioneira neste sistema, considera muito interessante a compra de programas oferecidos pelas produtoras independentes, já que falta infraestrutura na emissora para suprir as necessidades dos telespectadores brasilienses, ansiosos por uma televisão voltada para a comunidade. Inclusive a TV Nacional tem como característica a compra de programas dos mais variados, provindos de diferentes lugares. A emissora exibe programas das TVs Cultura, Educativa, Bandeirantes e até mesmo da TV Globo. Portanto, o espaço está aberto para as produtoras independentes, e requer apenas o interesse do setor de produção pela compra e da liberação de verba pelo setor administrativo. Cristina Fernandes, que junto com Tânia Quaresma e Wagner Hermuche, produziu um dos mais

significativos programas já realizado em Brasília, o *Sob o Céu de Brasília*, coloca a dificuldade maior de uma produtora independente: "Não dá pra bancar os equipamentos necessários". Não dá para comprar os equipamentos, e também não compensa, porque compete-se com grandes indústrias de televisão como a Rede Globo. Na opinião de Cristina, o interessante para uma produtora independente em Brasília seria trabalhar em sistema de coprodução com as emissoras. A produtora entraria com a criatividade e a emissora com os equipamentos, o que entra em choque com as expectativas do coordenador de produção da TV Nacional em relação a esse tipo de intercâmbio.

Um dos grandes fatores que alimenta essa falta de recursos financeiros é a carência de investimento publicitário. Apesar de Brasília possuir uma das rendas *per capita* mais altas do Brasil, essa renda não influi na publicidade. Por isso, algumas emissoras tem que se virar. A TV Capital, por exemplo, tem a programação mais fraca da cidade. Recentemente, ela começou a comprar os programas da Abril Vídeo, para preencher o seu espaço. Não estando ligada a nenhuma rede, a TV também não estimula a produção local, e não se sabe como o canal consegue se manter. Para a Abril Vídeo, é uma chance de veicular seus programas. Para a TV Capital, é a chance de conseguir algum Ibope.

Há algum tempo, houve uma forte polêmica em torno da instalação da TV Educativa, que seria uma televisão eminentemente local. Com a concessão dada à TV Bandeirantes e ao SBT, a possibilidade da existência da TV Educativa tornou-se remota. Resta esperar uma guinada nos vários jogos de interesse em questão, para que a um aumento na quantidade da programação de TV, corresponda um aumento de qualidade, no que diz respeito à cidade.

Miquéias divulga a arte da mímica em toda a cidade

CHICO MOURA

Uma viagem ao sabor da mímica. E assim descrita a trajetória da vida Miquéias, um paranaense de 22 anos que vem conquistando o público candango com sua bela performance na arte de fazer mímica. Trata-se de mais um artista que ascende em Brasília com a gana e a garra de quem teve um começo sozinho contando com sua competência nata de um profissional.

Participando de trabalhos escolares e pequenos concursos, Miquéias começou, a partir de 1981, a se interessar e a se aprofundar no exercício da mímica. A mímica é uma arte pouco vista nos palcos brasilienses, o que dificulta o trabalho de quem se interessa por ela. As referências sobre ela são poucas e não existem diretores interessados na produção de um mímico. Quer dizer, Miquéias além de aluno era seu próprio professor. "Arriscando", é assim que ele explica seu trabalho.

Percebe-se que Miquéias costuma arriscar no certo. Seu trabalho já obteve prêmios em cidades de outros estados como em Ponta Negra (PR) onde seu grupo ganhou um prêmio especial de pesquisa, e em São José do Rio Preto ganhando um bom apelo da crítica paulista e o quarto lugar no VII Festival Nacional de teatro, com a apresentação de "O Agá do H" que se apresenta recentemente em Brasília.

De acordo com Miquéias, o artista mímico também encontra a

barreira de se apresentar a públicos não habituados com seus trabalhos. Sua preocupação transcende então à conscientização das pessoas que normalmente os confundem com dubladores ou contorcionistas. Miquéias não se restringe a públicos específicos. Ele considera gratificante poder diversificar suas apresentações que podem ser tanto na Escola Parque como numa favela nas periferias da cidade. Ele acha que seu trabalho deve ser flexível em relação aos distintos públicos.

Miquéias chama todos os seus trabalhos, desde "O sonho de um retirante" até "O Agá" de Oficinas. "Esse nome dá uma liberdade de criar" friza bem o artista. Normalmente são seus os roteiros, que podem ter idéias acrescentadas pelos integrantes de espetáculos que fazem em grupo. Os textos quando não são raros inexistem. Seu trabalho consiste muito no improviso, claro, a partir de idéias consistentes em cima do roteiro.

Com o interesse normal de todo mímico, o jovem artista julga indispensável estudar a parte técnica do seu trabalho na Europa. Por isso, ele espera incentivos governamentais ou privados para poder viajar. Afinal, Miquéias tem se mostrado um bom artista em ascensão. O reconhecimento de seu trabalho já vai além de seus espetáculos. Convites para a sua participação no Projeto "Dos Pés à Cabeça", sua aparição em propagandas do INACEM sobre o o teatro ou até mesmo uma proposta de administrar um curso na Academia Norma Lilliam, demonstram a expansão de sua arte. Miquéias, é um produto de Brasília. Que bom.

Sabino: Universidade hoje é mais aberta

CLAUDIO FERREIRA

Mais uma vez, no último dia 31, o anfiteatro 9 do Minhocão da UnB esteve lotado. Tratava-se de uma apresentação do projeto Encontro Marcado, patrocinado pela Fundação Pró-Memória com o apoio da IBM do Brasil. Desta vez o convidado foi o consagrado escritor Fernando Sabino.

Ao ser perguntado pelo governador José Aparecido, presente ao encontro, se achava "perda de tempo" estar ali naquele momento, Fernando Sabino respondeu que para ele estar na UnB era uma ótima oportunidade para se relacionar melhor com a juventude atual. Ele disse que quando está entre jovens se sente jovem, ao mesmo tempo em que permite a eles conhecê-lo melhor.

Não tendo concluído seu curso de Direito, Fernando Sabino acha que a Universidade atual está bem melhor do que no seu tempo, com menos preconceitos e idéias

antiquadas e defasadas. "Há maior oportunidade de participação do estudante no processo universitário e social, eles são mais ativos, mais abertos". Um desses momentos de participação foi notado quando, ao prestar homenagem ao governador José Aparecido que acabara de chegar, Fernando Sabino apresentou-o como legítimo representante do processo de democracia, mas logo foi validado pelos jovens que reagiram contra a afirmativa alegando que o Governador não fora eleito pelo voto do povo. Ao perceber seu equívoco, Fernando Sabino, surpreso, se desculpou.

Quando se pronunciou sobre o processo político-cultural brasileiro, Sabino disse que "a cultura brasileira não é só broa de milho, mas um resultado da situação econômica e social do País, logo só pode ser subdesenvolvida". Indagado a respeito da importância do escritor na mudança dessas estruturas, ele respondeu que isso não ocorre de imediato mas sim a longo prazo e não chega a ser visivelmente notado.